NÚMERO 63 | 15 DE FEVEREIRO A 15 DE MARÇO DE 2007 | 1 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

"Marisol López está a fazer todo o possível para que o galego morra e fique bem enterrado"

Isaac Díaz Pardo, fundador das Cerámicas do Castro e de Sargadelos

| PÁGINA 16 |

Depois das estaçons de piscicultura do PSOE chegam os parques eólicos do BNG

INDÚSTRIA PROMOVE A INSTALAÇOM DE CENTENAS DE NOVOS MOINHOS

As pretensons da Conselharia da Indústria para incorporar a participaçom pública nos projectos eólicos nom vai implicar alteraçons substanciais no panorama desenhado polo governo de Fraga Iribarne. Ainda protegendo lugares de especial interesse ambiental, evitará intervir sobre as agressons já produziadas através do repotenciamento de aerogeradores (com o qual cada máquina passaria dos 750 quilovátios a 3 megavátios de potência), o que permitiria, como pedia a organizaçom ambientalista ERVA, reduzir em grande medida o número de aerogeradores que inçam Espaços da Rede Natura como a Capelada, o Gistral e o Candám. Na prática, serám instaladas centenas de novos moinhos para atingir os 6.500 megavátios anunciados por Fernando Blanco numha operaçom auspiciada polo núcleo duro da UPG, que estendeu o seu poder na Conselharia até forçar a demissom do director do Instituto Energético da Galiza (INEGA), Xoán Ramón Doldán. A nova rede de empresas que irám beneficiar com a nova política eólica, algumhas ligadas directamente a pessoas próximas da Uniom do Povo Galego, parece estar por detrás desta demissom, apesar de Núñez Feijó ter relacionado o caso com discrepácias inexistentes entre os dous sócios do governo galego. / Pág. 10

A voragem economicista tem como resultado a fractura da Galiza pola metade

A Galiza ocidental e a oriental, a urbana e a rural. Enquanto a primeira entra na era das telecomunicaçons e é conectada por importantes infraestruturas, a segunda, a do telefone fixo e o rádio, poderá caminhar ainda mais lenta, com a privatizaçom de dous serviços essenciais como os caminhos-de-ferro e os correios. As conseqüências aprofundarám ainda mais a dolorosa fractura territorial e social entre as duas Galizas: reduçom de horários, supressom de linhas, alta velocidade que nom chega, precários equipamentos, reestruturaçom de serviços e amplas zonas do País desassistidas. É o panorama desenhado na Galiza, partindo de critérios estritamente economicistas, para uns caminhos-de-ferro que parecem continuar nos inícios do século passado. A supressom final destas linhas de que o Estado nom quer tomar conta provocará um severo impacto da geografia humana da Galiza, incrementando o êxodo rural para a cidade.

Quanto aos Correios, um dos serviços comunicativos mais eficientes para as localidades afastadas das vilas e das cidades, ficam abertas as portas à supressom do serviço a todas as casas situadas a mais de 250 metros de umha estrada convencional. A medida, que o presidente desta instituiçom desmentiu, parece confirmada por múltiplas iniciativas privatizadoras que os sindicatos denunciam há tempo. / Pág. 14

O dilema da Galiza crítica perante umhas novas eleiçons estatais

A evoluçom do BNG e a consumaçom definitiva do bipartidismo deixam o discurso autodeterminista à margem dos processos eleitorais / 09

E AINDA...

Mais de dez mil pessoas contestam na rua políticas estratégicas da Junta / 04

A AGÊNCIA TRIBUTÁRIA denúncia o Novas da Galiza engrossando o processo judicial aberto / 06

CIG MOBILIZA-SE CONTRA a perda de poder adquisitivo da classe trabalhadora / 04

INAUGURA-SE O ATURUJO em Boiro num mês cheio de aniversários de centros sociais / 06

Opinions de: *Ugio Caamanho, Carlos Taibo, Xan Carlos Ánsia, Valentim Rodrigues Fagim, Paulo Ruben Reis*

Quem seiturará?

UGIO CAAMANHO SAM-TISSO

◆

"A LUITA CONTRA O CAPITALISMO NOM CONSISTE EM LUITAR POR UMHA PORÇOM MAIOR OU MAIS PEQUENA DA IMUNDÍCIE QUE SEGREGA, MAS EM SALTAR DO SEU COMBOIO E EMPREENDER OUTRO CAMINHO, DENTRO DA COMUNIDADE E COM OS PÉS NA TERRA"

Pensei que em cada centro social do País devia haver um sítio, como umha artesa ou um estante, onde colocar cousas. O canto comunitário do lugar, por assim dizer. A malta deixaria ali o que nom necessitasse ou o que tivesse em abundância, ou o que preferisse compartilhar com os demais. Todo o conteúdo da artesa seria livre: quem quigesse levar algumha cousa, tomaria-a sem mais, sem preços, sem explicaçons, sem deixar nada em troca. Pensava basicamente em frutas e verduras, porque muitas vezes quando é temporada de algo nom há maneira de lhe dar saída na nossa casa. Ou te enches a pêssegos, ou acabam apodrecendo na leira, por muita marmelada que fagamos; ou te inchas a morangos, a limons, a castanhas, por vezes até a ovos, ou se estragam todos. Claro que ninguém tem de todo, e assim, entre vários companheiros, por exemplo da Fouce d'Ouro, poderiam colectivizar-se produtos da horta todo o ano, e escamotear umha porçom de vida ao centro comercial em favor do centro social, que é do que se trata. Na artesa ainda caberiam mais objectos, como roupa, livros, música, ferramentas... ora, o mais lógico, o essencial, seria a fruta e a verdura. E marcaria-se um dia da semana, talvez, para depositar as cousas, e seguiria-se a passagem do tempo natural polo ciclo das colheiras; no Outono, alguém com família em Ourense traria umha saca de castanhas e um grupo que saiu ao monte voltaria com vários centos de cogumelos, no Inverno um outro mataria o porco e contribuiria com uns lacons... em ocasions a artesa estaria bem sortida e poderia-se organizar umha festa com o seu conteúdo, em vez de o distribuir individualmente.

Mas depois pensei que nom funcionaria. A ideia é formosa, mas quase ninguém trabalha a terra, isto é, quase ninguém entre os sócios dos centros sociais, um pouco porque muitos som urbanos, um pouco porque quase todos somos novos, e só os nossos pais trabalham a terra. Vivemos a muitos metros de altura, vários metros de cimento, de asfalto, sempre a coberto do céu, protegidos do frio e do calor, ignorantes do passar das estaçons e do ritmo da Natureza, rodeados nom por animais, plantas e objectos – pedras, rios, montanhas –, mas por puros signos. Signos que se referem, uns aos outros, enroscando-se sobre si mesmos e sobre nós, alçando-nos a muita distância da realidade física e da cultura que as pessoas fomos construindo em pugna com ela. Quem pode querer umha Terra com a qual nom se relaciona? E quem pode querer umha cultura que nasceu para dialogar e pelejar com ela? Se um nom dialoga com a Terra, acariciando a sua superfície, propondo-lhe berças ou laranjas, recebendo as respostas em forma de inclemências do tempo, ou andaços de mildiu, conversando com a linguagem dos dias que decrescem e voltam a crescer, das árvores que perdem a folha, dos pássaros que aninham e vam para o Sul, se um nom recebe as recompensas dessa relaçom ao apanhar os morangos ou ao provar o vinho da temporada... entom sempre se pode ficar a olhar, o que também exige um certo esforço nos tempos que correm. Ficar a olhar: visitar umha montanha, percorrer a bacia de um rio, examinar todos os vales da comarca; no tempo das castanhas, fazer um magusto com frutos comprados, no tempo da vindima, comprar ao produtor com garrafas, passear polo monte em Primavera e identificar os insectos com um manual ilustrado, assistir às festas de exaltaçom dos produtos típicos de cada lugar... em resumo, ficar a olhar. Já digo que exige força de vontade, porque a inércia leva-nos a ficar na estratosfera tecnológica que constrói a modernidade; já nom usamos ferramentas, porque somos dominados polas próteses. Mas ficar a olhar para algumha cousa nom nos leva directamente a estimá-lo. Para isso há que tratar com essa cousa, comprometer-se com ela, transformá-la e transformar-se um mesmo nessa relaçom. O máximo apego que poderia sair da contemplaçom é um encaprichamento fetichista, semelhante ao dos fans das estrelas de rock ou do cinema: etéreo, infantil, sem efeitos. Dá pena dizê-lo, mas hoje a ideia da Terra que alimentam muitos nacionalistas parece-se bastante com isto. E umha contemplaçom idealizadora da Terra, ao modo de um postal, nom é umha ideia que dure.

Um militante dixo-nos na Fouce, com mais razom que um santo: "o campo foi-se empobrecendo, as instituiçons 'históricas' fôrom suprimidas, o folclore popular e as tradiçons fôrom-se perdendo junto com todas as relaçons exteriores à economia (baseadas na reciprocidade, no apoio mútuo, a doaçom, a redistribuiçom, a troca...), desamortizárom-se as terras comunais, dissolvêrom-se os grémios, surgírom as classes, desencadeárom-se movimentos migratórios e, enfim, o indivíduo foi arrancado da sua comunidade e deitado ao mercado." É verdade, só que o processo nom está consumado, nem é inexorável como a lei da gravidade, nem muito menos é desejável. A luita contra o capitalismo nom consiste em luitar por umha porçom maior ou mais pequena da imundície que segrega, mas em saltar do seu comboio e empreender outro caminho, dentro da comunidade e com os pés na Terra.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou estractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis.

Endereço: **pelourinho@novasgz.com**

UMHA SOCIEDADE CHAMADA IMPRENSA (OU À INVERSA)

O poder de criar opiniom que tenhem os grandes meios de comunicaçom é tam real, tam eloqüente e está tam interiorizado em quem trabalha nestes meios, que mesmo sem ánimo de manipular (suponho) vai-se-lhes o santo para o céu, e onde tinham que pôr, por exemplo "imprensa e televisom", ponhem "sociedade". Nom penso que o engano venha de que certos meios som ao mesmo tempo grandes empresas (ou seja, sociedades anónimas, limitadas ou comerciais) pois tampouco se trata de confundir estas empresas com a sociedade ou a cidadania no seu conjunto, que com certeza é algo mais variopinto e demais.

Isto vem ao caso de que no outro dia, na Audiência Nacional, dixem que "... depois de umha cheia de tempo sem me permitirem defender-me de tantas acusaçons, serve de bem pouco o que eu poda dizer, pois já fum condenado de antemao pola imprensa e a televisom...". Enfim, que nom empreguei o termo "sociedade" porque nom me parecia que vinhesse a conto naquele lugar.

Fernando Silva Sande
(Prisom de Soto del Real, Madrid)

MATERNIDADE REVOLUCIONÁRIA OU IRRESPONSÁVEL?

Umha das últimas vagas cíclicas de crítica construtiva justa conversa em ouveadas pseudo-científicas é a reclamaçom de partos "naturais". Sirva de exemplo o artigo publicado no número anterior do Novas da Galiza por Noelia Fernández Marqués. Nele compilam-se clássicas reclamaçons de "parto natural", louvores da "sabedoria popular das mulheres", as bondades do aleitamento materno e, em resumo, a maldade do sistema *patriarcal, machista e altamente violento que se vive nos nossos hospitais. que procura despojar as mulheres do seu poder*. [...] Poderia criticar os dous primeiros parágrafos, nos quais a autora deixa claro que os homens nom temos direito algum sobre as crianças as quais proporcionamos metade da herdança genética; porém, prefiro centrar-me só nos aspectos de novo obscurantismo e nom na machofobia confundida com feminismo. A autora afirma sem rodeios que a assistência das grávidas e das crianças com técnicas próprias da sabedoria popular garante um bom parto – em perfeitas condiçons! – sem o "intervencionismo" maligno da prática médica clássica. [...] Pode ser que considere que todos os estudos históricos sobre a mortalidade no parto – baseados nos registros eclesiásticos de séculos – som parte de umha trama maligna patrocinada polo patriarcado para ocultar que os partos tardo-medievais eram umha delícia de mulheres em comunhom com a natureza, sentadas sobre ervas arrecendentes e assistidas por umha sábia mulher em conhecimento de todos os segredos do processo. Quadro estático pintado com óleo que se complementa com a também clássica história da perseguiçom da *sabedoria popular das mulheres* nas caças às bruxas como parte de outra conspiraçom patriarcal. O problema é que a senhora Fernández teria que procurar umha explicaçom mui boa para obviar no seu artigo que a aplicaçom sistemática da obstetrícia moderna permitiu reduzir e quase eliminar a mortalidade da mae e da criança no parto, eliminando a tendência mui natural de um número considerável morrerem no processo.

Extracto tirado de:
http://odemo.blogaliza.org/

As reviravoltas do Kosovo

CARLOS TAIBO

◆

O conflito do Kosovo apresenta hoje dimensões tão delicadas que há que se mover com muito cuidado para não perder o rumo. Dois são os datos fundamentais que convém lembrar para entender onde é que estamos. O primeiro proporciona-o (e é lamentável que se esqueça tantas vezes nestas horas) o acontecido entre 1989 e 1997, da mão da abolição, pelas autoridades sérbias, da condição autónoma da província, da instauração de uma lei marcial e do desenvolvimento, com vítima na maioria albanesa da população local, de um genuíno regime de apartheid, respondido durante anos, já agora, através de um estimulante movimento de desobediência civil não violenta. O segundo elemento de relevo cobrou corpo na forma do protectorado internacional que se configurou depois da intervenção da NATO verificada em 1999: ao amparo desse protectorado não parece que se perfilassem instituições democráticas, os direitos das minorias (e nomeadamente os da sérbia) foram violentados e a economia não recuperou em modo nenhum o voo.

O principal resultado de todo o anterior, após anulados por uns e outros os agentes que podiam servir de ponte entre as comunidades, é a existência de duas posições claramente confrontadas: por enquanto, o conjunto das forças políticas albanokosovares considera irrenunciável a independência, as suas homólogas sérbias, em Belgrado como no Kosovo, rejeitam com acridez essa perspectiva. Nesse cenário, e como é sabido, a comunidade internacional (um eufemismo para nos referirmos às potências ocidentais e aos seus interesses) tem formulado uma proposta precisa: o que se tem dado em chamar uma independência tutelada que, com certeza, se produzirá assim que o governo kosovar receber a autorização correspondente. É importante agregar que, apesar das aparências, essas potências ocidentais de que falamos apoiam um Kosovo independente, sem entusiasmo nenhum, em virtude de um critério de prosaico pragmatismo: é mais fácil satisfazer as reivindicaçons da maioria da população de um país que atender à defesa dos direitos das diferentes minorias kosovares.

Perante essa trama, reconheçamos que não é tarefa singela tomar partido. Quem defendemos de sempre o direito de autodeterminação estamos incómodos, porque importa muito sublinhar que, se sair adiante a independência mencionada, não cobrará corpo da mão de uma fórmula que permita garantir esse direito: ninguém fala, em particular, de um referendo para estabelecer a opinião maioritária entre os kosovares, e isso por muito que seja evidente que a maioria albanesa da população rejeita, com claridade, qualquer horizonte que acarrete um Kosovo integrado na Sérbia.

Maiores são, se quadra, os elementos incómodos que se derivam de um segundo facto, que não é outro que o discurso omnipresente nos meios de incomunicação espanhóis em relação com uma eventual independência do Kosovo. Reapareceram ao respeito todas as ladainhas que bebem da sacralização da legislação interna dos Estados (ao que parece, Kosovo é Sérbia porque o dizem, sem mais, as leis em vigor neste país), da defesa visceral do princípio da integridade territorial (e isso mesmo no caso de este princípio contradizer a opinião maioritária entre a cidadania de um país), da consideração da estabilidade como um valor que deve ser primado por cima de todos os demais ou, em fim, da aceitação essencialista das regras que impõe um nacionalismo de Estado.

Claro que, para além do anterior, o que tem destacado em particular é a sugestão de que um Kosovo independente (tanto mais se aparece longe do que rezam as normas próprias da legalidade internacional) bem pode dar passo a um estímulo para reivindicações de independência como as que se ouvem na Catalunha, no País Basco ou, entre nós, na Galiza. Se, por um lado, essa maneira de olhar as coisas é moderadamente inteligente (ainda que o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, o senhor Moratinos, teime em salientar que não há relação nenhuma entre as situações), pelo outro é importante repensar um horizonte que o discurso dominante pretende negar: o de que, longe de ser, como parece até agora, um caso solitário e excepcional, o de Kosovo seja um alicerce no qual fundamentar uma discussão legítima relativa à integração de determinadas comunidades humanas, contra a sua vontade, nos Estados que conhecemos. Entre as lições que se devem derivar dessa discussão estão a de que importa muito saber que é o que o pensa a gente e a de que é imperativo garantir o vigor pleno, em paralelo, dos direitos das minorias.

NOVAS DA GALIZA

EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACÇOM
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván Garcia, Xiana Árias, Sole Rei, Helena Irímia, Eduardo S. Maragoto, André Casteleiro, José E. Vicente, Xabier Xil

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Miguel Garcia, Carlos Barros

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel Garcia

FECHO DA EDIÇOM: 20/02/08

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín
Nuno Gomes (Portugal), Jon Etxeandia (País Basco) Juanjo Garcia (Países Cataláns)

COLABORAÇONS
Opiniom. Gustavo Luca, Maurício Castro, X. Carlos Ánsia, Maria Álvares, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, Carlos Taibo, Celso Á. Cáccamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joám Peres, Pedro Alonso, Luís G. Blasco 'Foz', Alberte Pagán, Concha Rousia, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Raul Asegurado, Miguel Penas. **Cronologia.** Iván Cuevas. **Música**. Jacobe Pintor. **Galiza Natural**. João Aveledo. **Sexualidade**. Beatriz Santos. **Língua Nacional**. Valentim Fagim. **Desportos**. Anxo Rua Nova, Xavier S. Paços. **Cinema**. Francesco Traficante

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves,
Galiza Independente (GZI),
Xavier Sampil

ADMINISTRAÇOM
Irene Cancelas Sánchez

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Farruquinho

CORRECÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto, Fernando Vázquez Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero (Suplemento)

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência. A informaçom continua periodicamente no sítio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

VARAS DE MEDIR

Como é sabido, a direita espanhola maneja sem pudor distintas varas de medir. Grandes ilegalidades merecem indulgência, enquanto pequenas e médias infracçons concitam chamamentos incendiários ao rigor punitivo. O que outrora era umha desconfiança restrita aos especialistas judiciais e a observadores em defesa de direitos, tornou-se hoje umha opiniom mui difundida. Temos ainda mui fresca na memória a tolerância do Tribunal Supremo com dous importantes ladrons da banca hispana, os 'Albertos', nestes dias em que som divulgadas as detençons, quase televisadas e sem presunçom de inocência, de vários estudantes independentistas.

Que a direita aplica umha flexibilidade escandalosa que socava as bases do direito, sabemo-lo bem. Ora, que acontece com quem julgamos do lado do nacionalismo e da esquerda na Galiza? Esta pergunta é infreqüente, e por isso cumpre formulá-la. Os quase três anos de governo bipartido nom ratificárom as previsons alarmistas da direita extrema, que apavorava com a imagem de um país revolto e arredista. Na beira contrária, está a confirmar as diagnoses que o independentismo, nas suas diferentes versons, andava a espalhar perante o escándalo geral. As "opinions lunáticas" dos radicais de anteontem som o vox populi de hoje. Com o continuísmo das políticas arrasta-se o continuísmo da indecência: o submetimento do bem geral às tramas do amiguismo empresarial, como demonstra este número do NOVAS DA GALIZA mergulhando nos recantos da conselharia da indústria. Se as críticas contundentes ainda se formulam a média voz, e se o questionamento destes representantes do poder ainda é enfrentado com o coraçom partido, nom é por nengumha coincidência ideológica. A própria dirigência bipartida se confessa orgulhosamente autonomista, e receia com luz e taquígrafos de qualquer lealdade à esquerda. As críticas som mornas, e ainda se manejam duas varas de medir, porque custa muito confessar que se errou na análise e se trabalhou arreu para o inglês; e porque, postos a denunciar, melhor alporiçar-se com os abusos de líderes afastados do que com o latrocínio de conhecidos mui próximos.

Contodo, e apesar de doses ingentes de tolerância com quem manda, esgotárom-se de vez os cheques em branco. No passado dia 17 de Fevereiro, sectores mui diversos deste povo dixérom que sabiam e queriam dizer nas ruas as verdades mais incómodas. Certamente nom seriam suficientes, e poderiam ter sido muitos mais. Mas no seu número modesto, inaugurárom um momento da política galega sem os comissariados do poder.

SUSO SANMARTIM

NOVAS DA GALIZA
15 de Fevereiro a 15 de Março de 2008

NOTÍCIAS

Nom se recorda no país umha mobilizaçom tam grande sem o apoio de nengum dos principais partidos políticos / NGZ

Mais de dez mil pessoas contestam na rua políticas estratégicas da Junta

REDACÇOM / Compostela acolheu no passado dia 17 de Fevereiro umha multitudinária mobilizaçom de resposta às principais iniciativas infraestructurais auspiciadas polo bipartido PSOE-BNG. Convocada pola rede Galiza Nom Se Vende, resultou a maior manifestaçom realizada na Galiza desde o ano 2004.

Milhares de pessoas percorrêrom as ruas de Compostela em protesto contra as agressons ao território lideradas por interesses empresariais e favorecidas polo governo da Junta. A manifestaçom supujo umha demonstraçom de força dos sectores organizados à margem dos partidos institucionais e traduziu-se na maior mostra de rejeiçom às suas políticas estratégicas.

Com o slogan "Terra viva e digna para todos e todas", pessoas procedentes de toda a Galiza aglutinárom as reivindicaçons de diferentes conflitos numha manifestaçom que marca um ponto de inflexom na capacidade de intervençom dos sectores populares. "Governe quem governe, Galiza nom se vende" foi a palavra de ordem mais ouvida.

Tivérom especial protagonismo os colectivos que luitam contra a fábrica gasista de Reganosa na comarca de Ferrol, a oposiçom ao urbanismo selvagem na costa, a proliferaçom de piscifactorias, a instalaçom maciça de parques eólicos, a turistificaçom elitista, o plano de minaria e a construçom do Trem de Alta Velocidade, entre outras causas locais que coordenam agora as suas iniciativas a nível nacional.

Som já mais de oitenta os colectivos de base que componhem a rede Galiza Nom Se Vende. De entidades vicinais, agrupaçons ambientalistas e plataformas populares até centros sociais ou iniciativas socioculturais. Estám excluídos tanto partidos como sindicatos com o objectivo de evitar a sua instrumentalizaçom.

Em representaçom da entidade promotora, Xosé Reigosa valoriza "mui positivamente" a manifestaçom, que superou em assistência as convocatórias do BNG nas últimas comemoraçons do Dia da Pátria. A este respeito sublinhou que a maior parte das pessoas que secundárom a marcha tinham sido votantes da frente nacionalista e estám agora a se confrontar com as suas políticas. A mobilizaçom concluiu com o canto do hino nacional seguido polos gritos de "Galiza ceive, poder popular".

Atacam com bomba galpom da macro-urbanizaçom de Fadesa em Minho

REDACÇOM/ Um ataque com bomba destruiu o interior de um galpom de Martinsa-Fadesa que promovia a grande urbanizaçom que constrói na paróquia de Perbes, em Minho, durante a madrugada do passado dia 8 de Fevereiro. Ainda que nom exista constância de reivindicaçom, o Delegado do Governo espanhol na Galiza, Manuel Ameijeiras, relacionou o caso com a resistência galega e considerou-no "especialmente grave" por "distorcer o que tem que ser um processo eleitoral".

Fadesa é a promotora das quase 1.300 vivendas da urbanizaçom nesta localidade costeira, levantada ao pé de um campo de golfe que chega até Ponte d'Eume. O governo municipal do PP tinha autorizado a construçom de quase 2.000 vivendas em 2002, num concelho que conta com pouco mais de 5.000 habitantes recenseados.

A polémica macrourbanizaçom tinha sido denunciada perante o Tribunal Superior de Justiça da Galiza, que tinha impugnado a sua concessom. No entanto a sua edificaçom avançou dando pé à maior área residencial deste tipo no País, com a oposiçom de boa parte da vizinhança e a bênçom dos gestores municipais, que aludem à necessidade de infraestruturas para defenderem a sua idoneidade.

Manifestaçom em Compostela no passado dia 21 de Fevereiro

A CIG inicia mobilizaçons contra a "carestia da vida"

REDACÇOM / A subida dos preços converteu-se num dos eixos do debate mediático e da polémica pré-eleitoral, num contexto em que a ameaça da palavra "crise" se fortalece. No entanto, quase na penumbra e sem debate mediático e político, as cúpulas das Comissons Obreiras e UGT pactuárom com o patronato espanhol o sétimo Acordo de Negociaçom Colectiva (ANC), numha nova mostra de fidelidade ao empresariado que fixa apenas em 2% a referência de aumento salarial em 2008. Os mesmos sindicatos apostam também em aumentar de 12,5 a 15 anos o período mínimo de quotizaçom para aceder a umha pensom contributiva. O governo espanhol centrou a atençom na subida do salário mínimo que passou de 570 a 600 euros, apresentado como umha conquista social de grande transcendência apesar de que, na realidade, essa subida apenas se corresponde com umha actualizaçom ao IPC, enquanto os benefícios das empresas crescem numha constante de mais de 3 pontos. A reforma fiscal acrescentou a tendência a reduzir os impostos sobre o capital e aumentá-los sobre o trabalho.

Há que lembrar que já em 2007 a previsom oficial de aumento de preço foi de 2%, quando o crescimento oficial dos preços na Galiza com respeito a Janeiro de 2007 foi de 4,4%, umha décima mais que no conjunto do Estado. De facto, nem sindicatos nem empresários acreditam realmente na previsom marcada, que servirá de referência para a negociaçom colectiva e de limite para os empregados públicos. Muitos convénios nom compensam depois com carácter retroactivo a diferença entre IPC previsto e IPC real. Os efeitos destes pactos estám à vista já que o peso dos salários no PIB desceu em 2,3 pontos desde 2002.

A Confederaçom Intersindical Galega (CIG) lançou umha campanha de rejeiçom aos acordos assinados em Madrid, contra a "carestia da vida" e por uns "incrementos dignos". O sindicato nacionalista manifestou a sua intençom de nom aplicar este pacto nos convénios em que conte com representaçom maioritária. A campanha começou com umha mobilizaçom de delegados convocada a 21 de Fevereiro em Compostela.

A CIG também questiona o Índice de Preços ao Consumo como indicador fiável. Lembra que as subidas mais duras para a classe trabalhadora som as que se produzem nos alimentos – que crescêrom 6,6%, e no caso de determinados produtos como os laticínios chegárom a 18% –, mas no cálculo só se estabelece a média, sem ter em conta as diferenças de consumo em funçom das receitas. O sindicato critica também a criativa estatística espanhola, que exclui deste índice a compra de casa ou as hipotecas, despesas evidentemente importantes para grande parte da populaçom. Estes desajustamentos explicam que cálculos extraoficiais calculem o aumento real do "cabaz da compra" médio em mais de 40%, no período posterior à implantaçom da moeda única.

A excepçom militar

No entanto, um colectivo concreto acedeu a um espectacular aumento salarial nesta legislatura: o governo espanhol subiu o salário a mais de 134.000 militares, por volta de 18% para o pessoal em activo e 5,8% para o da reserva. O governo explicou a vontade de "desagraviar" os militares espanhóis a respeito das condiçons dos seus homólogos da Uniom Europeia, equiparaçom que nom se contempla no casso das trabalhadoras e trabalhadores.

Martinho Noriega, presidente da Cámara Municipal de Teio

“Sem umha sociedade activa e crítica, acaba por prender a semente da direita”

O médico Martinho Noriega é presidente de Teio polo Bloque Nacionalista Galego (BNG), onde governa em minoria após as últimas eleiçons, quando perdeu a vara de mando um dos regedores emblemáticos e mais esperpênticos do caciquismo rural do fraguismo, Armando Blanco. Em entrevista com o Novas da Galiza, aborda as possibilidades e limites de umha gestom alternativa ao por agora conhecido numha cámara municipal.

Que possibilidades há de explorar umha política alternativa nos concelhos?
As margens som estreitas por toda a parte, mas se nalgum ámbito há possibilidades de desenvolver essa política alternativa, na Galiza é a nível municipal. Há eivas no ámbito local, desde a precariedade generalizada nos serviços até o esbanjamento de fundos públicos, para além de umha dívida económica que limita muito as políticas. O anterior mandatário gabava-se de que antes das eleiçons gastaria todo o orçamento, o que demonstra a pouca visom que existe sobre o de todos. Nom é só um problema económico, mas cultural: há que mudar os hábitos clientelistas, atitudes caciquistas e populismo.

Mas nom existe em muitos casos possibilismo e resignaçom contra esta situaçom?
No dia-a-dia, estes hábitos som um cancro que afecta todas as organizaçons, mesmo as da esquerda. Podemos ter um corpo teórico que marque umha outra folha de rota, mas é mui complexo agir na prática.

O urbanismo é um dos ámbitos que centram a política de muitos concelhos, marcado geralmente pola especulaçom.
Nós orgulhamo-nos de dizer que ganhamos umhas eleiçons à contracorrente, sem dever um favor a ninguém, e falo mesmo de poderosos sectores económicos vinculados à direita. Isso dá-nos liberdade para tomar as decisons, num concelho limítrofe com Compostela no qual a especulaçom vinha avalizada pelo poder político, que agia de intermediário e carecia de autonomia. Assim, nos dias de hoje temos graves problemas com o modelo urbanístico, nom só a especulaçom.

Martinho Noriega no escritório da Cámara Municipal

Enfrentaredes muitas pressons nesse caminho...
De momento nom. Antes de chegar ao governo tivemos pressons e mesmo ofertas de financiamento que rejeitamos. Entendo que um dos problemas do país é a pressom sobre as estruturas partidárias dos sectores económicos através da financiaçom encoberta. Nós custeamos polos nossos próprios meios as campanhas eleitorais, com os contributos de militantes e simpatizantes, e tomamos a decisom depois de um debate em que concluímos que queríamos chegar para transformar, e isto é motivo de orgulho.

Mas essa independência financeira nom se reproduz a nível nacional.
Suponho que ninguém estará livre de culpa, ainda que quero entender, crer ou apostar que a organizaçom em que milito saberá manter a sua autonomia. Evidentemente, o BNG como força política que governa na Galiza pode ser permeável a este tipo de pressons. Entendo que sobreviver na selva e manter um discurso político é complicado, sinceramente.

E que se fai pola participaçom cidadá, para além da retórica?
Impulsionamos um Regulamento de Participaçom Vicinal para o tecido associativo. É umha primeira pedra. Acredito na democracia participativa. Prefiro umha sociedade activa e crítica que outra acrítica e passiva. No fundo, isso é a semente da direita e os sectores reaccionários. Vamos impulsionar orçamentos participativos, buscando umha co-responsabilidade na cidadania, para que se podam marcar prioridades, dentro de um projecto político nacionalista e de esquerda. Há pequenas experiências na Galiza e há que ir introduzindo estes mecanismos.

Como avalias a atitude da Junta em relaçom às cámaras municipais?
Percebemos umha boa pré-disposiçom em geral, tivemos muitos contactos com conselharias e direcçons gerais, mas entendemos que fam falta linhas de ajuda para reverter determinadas situaçons. Isso sim, se a administraçom é lenta, a Junta é um dinossauro com artrite, e a via institucional para transformar as cousas é desesperante. As mudanças nom se começarám a visualizar até que avance este ano.

Tendes também umha situaçom complexa com o governo em minoria.
É muito complicado. O lado escuro, o antigo regime, pressiona e procura sócios para derrubar o governo, enquanto o PSOE nom entendeu o mandato dos cidadaos, marca equidistáncias e nom acaba de definir-se senom esteticamente. Terá que decidir se está com os que plantam o milho ou com os que o espezinham.

No entanto, em muitas ocasions, a mudança nom só parece lenta por motivos administrativos, também por pragmatismo, impotência ou linha política.
É um dos motivos. O certo é que o fraguismo, como o armandismo em Teio, é umha doença que há que diagnosticar primeiro e tratar depois, se me permitires a ‘deformaçom’ profissional. Às vezes, há medo, porque se pensa que nom há umha maioria social que avalize as medidas, mas é preciso sermos valentes, imprimindo mais velocidade à mudança social. Estamos na política para transformar a sociedade. Temos que agir sem medo de o fazer; sem estridências, mas com sinceridade; foi sem pragmatismos que fomos a lista mais votada no concelho de Teio, com um projecto coerente. O problema nom é sermos censurados, mas autocensurarmo-nos.

CRONOLOGIA

◆ 11.01.2008

Julio Álvarez, vizinho do Rosal, desaparecido ao sair ao Minho pescar angula.

◆ 12.01.2008

Isaac Díaz Pardo define Marisol López, secretária geral de Política Lingüística, como “a mulher que está trabalhando para que o galego morra dignamente”.

◆ 13.01.2008

Daniel Meaño Cores, funcionário da Deputaçom de Ponte Vedra, Javier F.V., guarda civil en Galdakao (Biscaia) e Javier González, cabo da Armada em Ferrol, imputados numha rede de venda e distribuiçom de cocaína.

◆ 14.01.2008

Um marinheiro morto e quatro desaparecidos após o naufrágio de madrugada do pesqueiro Cordeiro no cabo Prior.

◆ 15.01.2008

Touriño define o nacionalismo do BNG como “moderado” e “nom comparável” a outros, em resposta a umha pergunta sobre o “nacionalismo radical ao estilo de ERC”.

◆ 16.01.2008

Juan Camilo Mouriño, empresário filho do proprietário do Celta de Vigo Carlos Mouriño, nomeado secretário de Interior do governo mexicano.

◆ 17.01.2008

SGAE estreia-se na Galiza premiando o grupo Inditex na categoria de empresário privado.

◆ 18.01.2008

Detidos no dia 6 de Dezembro, acusados de queimarem umha foto de Juan Carlos de Bourbon, som chamados a declarar no dia 29 perante a Audiência nacional espanhola.

◆ 19.01.2008

Uniom de Comunidades Islámicas do Estado inclui a Junta entre

www.inovagaliza.com
|desenho|comunicaçom|publicidade|
inova

as administraçons "hostis" e acusa a Conselharia de Educaçom de "discriminaçom religiosa".

◆ 20.01.2008

Associaçons vicinais de Vigo denunciam que a cámara deixou de fazer públicas na web as actas dos plenos, incluindo o polémico da aprovaçom do PGOM.

◆ 21.01.2008

Decreto permite a supressom da entrega a domicílio dos correios nas aldeias, que afectará 445.000 galegos e galegas. Protestos obrigam o presidente de Correios a acudir à Galiza e assegurar que o impacto "vai ser mínimo".

◆ 22.01.2008

Três operários mortos ao ficarem presos sob um veículo: Jesús Gómez Ribadeneira e José Rodríguez Argiz em Bezerreá e José Luis Sánchez Vázquez em Arnoia.

◆ 23.01.2008

Dous cidadaos galegos detidos pola Guarda Civil por presumível vinculaçom com os GRAPO, um grupo que o mesmo corpo considerara "desarticulado completamente" em Junho. Segundo Ameijeiras, "queriam voltar às suas".

◆ 24.01.2008

Resgatam 18 marinheiros do Royalist, pesqueiro galego construído em 1960 que operava no Grand Sole.

◆ 25.01.2008

Anxo Quintana explica em Madrid, perante um auditório no qual se encontrava Fraga Iribarne, que está "encantado" de que os seus filhos sejam bilingües e que o BNG "nom é independentista".

◆ 26.01.2008

Mais de 200 pessoas manifestam-se em solidariedade com os operários e operárias da construtora Marbar, depois de que o empresário Manuel Martínez Barros desaparecera com o dinheiro da empresa.

◆ 27.01.2008

Um ecologista detido, alguns feridos e 69 raposas mortas na seqüência dos protestos contra a realizaçom da V copa de Espanha de caçada à raposa em Porto Marim.

◆ 28.01.2008

Guarda Civil imputa José Manuel Pérez Rodríguez, vereador de

Inaugura-se o Aturujo em Boiro num mês cheio de aniversários de centros sociais

O Centro Social A Revolta (Vigo) fai cinco anos a 1 de Março e Arrincadeira (Riba d'Ávia) leva o cônsul cubano à celebraçom do 2º aniversário

Sócios do Centro Social Aturujo de Boiro trabalham nas obras do local antes da sua inauguraçom.

REDACÇOM / Um mês depois do quarto aniversário da Gentalha do Pichel em Compostela, chegárom as festas de anos de outros dous centros sociais: o segundo de Arrincadeira, em Riba d'Ávia, e o quinto da Revolta em Vigo. Membros da Gentalha mostrárom ao Novas da Galiza a sua satisfaçom polo resultado de umha semana de actividades variadas que concluiu com um concerto e a projecçom de um vídeo de umha hora de duraçom em que dezenas de sócios avaliam o caminho andado desde a altura em que começárom os trabalhos de acondicionamento do espaço físico. Ao longo da semana, salientam os organizadores, passárom polo centro social mais de 300 pessoas, umha prova da consolidaçom de que goza o Pichel na capital galega.

No dia 22, Arrincadeira festejou o seu 2º Aniversário, com umha conferência de grande actualidade, a cargo do cônsul geral de Cuba na Galiza, Alejandro Fuentes Hernández. A seguir chegou a festa, com a actuaçom dos "Airiños de María" e comes e bebes.

Por sua vez, A Revolta fai cinco anos a 1 de Março, dia em que, para além de um concerto, também será projectado um vídeo sobre os cinco anos de actividade do centro social viguês, com declaraçons de sócios e sócias. Mas as actividades comemorativas continuarám ao longo de todo o mês de Março, e irám sendo anunciadas no blogue ao longo das próximas semanas.

Mas se por algum motivo estám de parabéns os centros sociais galegos é polo nascimento e um novo 'irmao'. O Aturujo, de Boiro, abriu as portas no dia 16, como já tínhamos anunciado no número do mês passado. A projecçom de um vídeo com as actividades feitas até agora que deixou passo à música de cantareiras foi o centro da festa pola qual passárom cerca de setenta pessoas. O horário de abertura do local será das sete até à meia-noite, mas nom querem que o centro seja mal interpretado: "Já falamos com a comunidade de vizinhos para lhes esclarecer que isto nom ia ser um pub", conscientes da preocupaçom que o barulho nocturno levanta no bairro. De facto, aos sábados e domingos o Aturujo quer abrir também durante o dia para a realizaçom de diferentes actividades, como obradoiros. Com o tempo, pretendem estender está dinámica diurna à semana laboral. Em princípio, as actividades a realizar consistirám em ciclos de cinema, conferências, etc., mas no futuro poderám encarar a realizaçom de "cousas que tiram um pouco mais de tempo".

AGÊNCIA TRIBUTÁRIA ENGROSSA O PROCESSO JUDICIAL CONTRA O NGZ

REDACÇOM / O processo judicial contra o Novas da Galiza que transcendia em Julho de 2006 incrementa-se agora com a intervençom da Agência Tributária, organismo do qual depende o Serviço de Vigilância Aduaneira (SVA). Se bem que inicialmente fosse um funcionário a apresentar a denúncia por supostas "injúrias e calúnias com publicidade", agora é a própria Agência Estatal de Administraçom Tributária a comparecer contra o jornal soberanista de informaçom crítica.

A nova denúncia, procedente dos tribunais de Sárria, incorpora o já processado número 30 desta publicaçom e acrescenta a reportagem central do número 37, correspondente a Dezembro de 2005. Nesta ediçom, o Novas penetrava nas redes ilegais do tabaco, desvendando a cumplicidade de agentes do SVA com a principal organizaçom contrabandista do tráfico irregular dirigido à Europa, com raízes na Galiza. Os dous números podem ser consultados na hemeroteca da página web corporativa do periódico.

María Teresa Pisano Avello, Delegada Especial da Agência Tributária, apresentou a denúncia contra dous integrantes da redacçom do Novas da Galiza acusando-os de "vários delitos de calúnia com publicidade (...) contra funcionários públicos".

O processo inicial contra o jornal soberanista começara em sedes judiciais viguesas que se tinham inibido, deslocando a sua instruçom para o Julgado Nº1 de Compostela. Quando este chegava à fase do procedimento abreviado, o que presumia a iminência do julgamento, os redactores imputados recebiam a notificaçom do novo processo ampliado procedente de Sárria. A Agência Tributária é umha entidade dependente do Ministério da Economia e Fazenda.

Sete novos processados da Causa Galiza polos acontecimentos do 6-D

REDACÇOM / O passado 19 de Fevereiro sete integrantes da plataforma Causa Galiza fôrom notificados do seu processamento por terem participado na concentraçom solidária com os detidos sob a acusaçom de queimarem a efígie do rei espanhol. Supostamente estas sete pessoas teriam "lesionado" um polícia de choque atirando-lhe umha pedra e som acusadas de tentarem interromper o tránsito. Serám julgados no próximo dia 27. Estes factos somam-se às sançons administrativas de 600 euros impostas aos convocantes da mobilizaçom autodeterminista por nom terem impedido a queima do boneco que representava Juan Carlos de Bourbon.

Volta a mobilizaçom e a tensom social contra os 'inimigos do galego'

REDACÇOM / A 'Mesa por la Libertad Linguística' tivo enfrente manifestaçons de repulsa nas duas semanas consecutivas em que se concentrou na cidade da Corunha. Na primeira, a mais numerosa por parte da mobilizaçom pró-galego, produziram-se cargas contra o protesto pacífico. Na noite do dia 20 de Fevereiro a defesa do idioma voltava às ruas, desta vez em Vigo, contra um acto de 'Galicia Bilingüe'. 150 pessoas mobilizavam-se perante o teatro García Barbón resistindo várias cargas que provocárom feridas na cabeça de um manifestante que tivo que ser atendido no hospital. Umha pessoa foi detida e posta a disposiçom judicial no dia a seguir – resultando acusada de atentado – enquanto 7 militantes de NÓS-UP conseguiram introduzir-se no acto, onde berrárom e exibírom cartazes em prol do idioma.

ANÁLISE

Incremento da tensom social na rua perante a maior agressividade espanholista

Vaga de detençons com o pano de fundo de umha decidida intervençom mediática

ANTOM SANTOS / A tensom social volta às ruas da Galiza, compassando a viragem direitista e nacionalista espanhola dos últimos compassos da legislatura. Nas últimas semanas, e aguilhoadas por plataformas mediáticas que predicam umha "volta à rua", diferentes iniciativas ligadas à extrema direita tenhem demonstrado a sua vontade de ocupar o espaço público. A resposta social independentista, bastante nutrida, dessatou a habitual justiça de excepçom com cumplicidade da imprensa empresarial.

Saturaçom de imagens televisivas, dúzias de cabeçalhos, numerosas tertúlias radiofónicas e declaraçons bombásticas de grandes responsáveis estatais. Fôrom os prolegómenos mediáticos para converter um protesto estudantil no seu formato mais clássico, com troca de alguns golpes, numha icona virtual para o consumo de massas. O aproveitamento foi múltiplo: no terreno da que chamam "ordem pública", os responsáveis policiais aproveitárom para pôr um bocado de claridade no complexo mapa do independentismo galego, como explicitou um cronista habitualmente relacionado com mandos da repressom. De facto, nom foi azaroso que entre a meia dúzia de detidos figurassem militantes ou simpatizantes de boa parte das correntes que componhem este movimento social, incluídos independentistas que fam parte do BNG; no ámbito universitário, a invençom mediática de um choque fora do comum serviu para a demonizaçom de um colectivo mui concreto: o sindicato AGIR, ao qual a imprensa dedicou inúmeros qualificativos falsos (como o de "organizaçom neonazi") dando detalhes profusos da identidade dos seus militantes detidos; finalmente, e na dimensom do puro interesse eleitoral, a extrema direita aproveitou a escaramuça para culpabilizar da convulsom social galega a gestom do bipartido. Os porta-vozes do BNG aderírom de novo às consignas da ordem com mais ênfase que os sócios de governo, enquanto os seus responsáveis ocultavam que algum dos detidos era militante da organizaçom autonomista.

Antecedentes ainda frescos

Contodo, o trabalho da brigada de informaçom nom nascia do nada. Nos passados meses, um intenso dispositivo de três corpos (guarda civil, polícia nacional e polícias locais) cerca o trabalho quotidiano da dissidência de diverso signo. É o que levou quatro militantes de NÓS-UP à audiência nacional pola queima do retrato do rei, o que favoreceu que umha concentraçom polo idioma rematasse dissolvida a paus ou, em ámbitos de mais gravidade, que se penasse com incomunicaçom e dispersom militantes independentistas e antifascistas por supostos delitos "terroristas". Mais três galegos (Santiago Vigo, José Manuel Sanches e Carlos Cela) entrárom nas cadeias, sem condena firme, longe do seu país.

Neste contexto, os apupos à política direitista do País Basco servírom para continuar o labor iniciado, e de passagem introduzir umha nova carga de tensom na polémica eleitoral entre os dous grandes partidos.

Varas de medir flexíveis

De modo interesseiro, a imprensa empresarial decide que protestos arejar e, chegado o caso, sobredimensionar, e quais reduzir ao silêncio ou à secçom de "sucessos" nas páginas interiores dos jornais. Há quase umha década, dúzias de estudantes, também independentistas, impediram a realizaçom de umha palestra do autarca Sánchez Bugallo na mesma faculdade de Económicas, merecendo apenas a atençom mediática restrita da imprensa local. Esta proporcionalidade informativa figera com que nom prendessem grandes polémicas sociais. O protesto público e a cara descoberta está a alcançar um novo estatuto mediático – e possivelmente penal – graças à intervençom da imprensa empresarial e a extensom da doutrina da segurança. O chamado "direito penal do inimigo", estendido a todos os partidos institucionais, está a se converter num recurso de primeira ordem para a colheita de votos.

Os mesmos meios que dérom dimensom de Estado a um tumulto estudantil apostárom em silenciar ou minimizar protestos mais contundentes e directamente ilegais, que se produzírom precisamente em dias próximos ao 'affaire San Gil'. Na cidade de Lugo, segundo umha comunicaçom anónima remetida a Indymedia-GZ, o autocarro de recrutamento do exército espanhol tinha que suspender a sua campanha depois de perder as rodas numha sabotagem, rubricada com a legenda "avante resistência". Na capital do País, após as duas primeiras detençons de estudantes, pessoas desconhecidas escachavam as vidraças de sucursais de Banco Gallego e Caixa Galicia, sem que ainda se conheça reivindicaçom.

Tratamento diferenciado e tentativa de divisom

O tratamento diferenciado dos estudantes detidos demonstra as tentativas de divisom do movimento solidário, bem conhecidas polo poder. Ao mesmo tempo, patenteia que o assanhamento contra certas opçons políticas se combina com o respeito por outras. Soubérom-se os nomes e os apelidos dos militantes de AGIR detidos, dos quais se publicárom fotos. Publicitárom os seus campos de intervençom social e, no colmo da acusaçom difusa, algum meio destacou a sua "amizade com os presos independentistas".

No entanto, nem aparecêrom nomes nem fotos de um estudante, filiado do BNG, que foi detido após apresentar-se voluntariamente na esquadra policial. O movimento estudantil nom caiu na armadilha da divisom e mantivo a sua coesom intacta.

Urbanismo e Obras de Samos, por ter arrasado um rio e cinco moinhos com umha canteira da sua propriedade.

◆ 29.01.2008

Galiza perdeu umha média de 8 trabalhadores por dia no sector agrário em 2007.

◆ 31.01.2008

Terrorismo machista: um vizinho de Cangas de 62 anos estrangula até a morte a sua mulher.

◆ 01.02.2008

Audiência provincial da Corunha imputa a Antonio Feliciano Fernández Rocha, presidente da cámara de Tui, do PP, cinco delitos de urbanismo por favorecer a sua imobiliária.

◆ 02.02.2008

Arrastreiro Ferralemes, com base em Marim, afunda nas Malvinas. 31 marinheiros som resgatados.

◆ 03.02.2008

Galiza registou vinte casos de vacas tolas em 2007.

◆ 04.02.2008

Forças de choque cargam contra mariscadores do Burgo na Corunha, provocando três feridos.

◆ 05.02.2008

F.D.R., de 35 anos, morre na sua cela da cadeia de Pereiro de Aguiar.

◆ 06.02.2008

Imputados o director geral de Augas de Galicia e o conselheiro delegado da divisom de energia de Ferroatlántica num delito ambiental na conca do Jalhas.

◆ 07.02.2008

José Manuel Valle, trabalhador coanhês da ENCE de Návia, morre calcinado ao cair numha caldeira de biomassa.

◆ 08.02.2008

Polícia espanhola carga contra manifestantes corunheses que protestavam por umha concentraçom convocada pola Mesa por la Libertad Lingüística, na qual se condenava umha suposta "imposiçom" do galego na Galiza.

◆ 09.02.2008

O preso J.R.C. é encontrado enforcado numha cela da Lama.

NOVAS DA GALIZA
15 de Fevereiro a 15 de Março de 2008

INTERNACIONAL

EUA espalha através da guerra o seu lixo radioactivo polo mundo adiante

DUARTE FERRÍN / O urânio empobrecido é um resíduo procedente do processo de enriquecimento do urânio para ser usado como combustível nuclear e na fabricaçom de bombas atómicas; tem umha vida média de 4.500 milhons de anos e a sua radioactividade é 60% da do urânio natural.

O governo dos EUA, depois de meio século a produzir armas atómicas e energia nuclear, tem armazenadas mais de 500.000 toneladas de urânio empobrecido que cede grátis às empresas de armamento norte-americanas e estrangeiras para poupar dinheiro e esvaziar os seus depósitos de resíduos radioactivos.

Hoje em dia, ademais dos EUA, países como a Gram Bretanha, França, Canadá, Rússia, Grécia, Turquia, Israel, as monarquias do Golfo, Taiwan, Coreia do Sul, Paquistám ou Japom, compram ou fabricam armas e muniçons com urânio empobrecido.

Quando este tipo de projéctil estala, o urânio arde e oxida-se, volatilizando-se em micro-partículas altamente tóxicas e radioactivas. Estas partículas podem ser ingeridas ou inaladas após ficarem depositadas no chao ou ao ser transportadas a quilómetros de distância polo ar, a cadeia alimentar ou as águas.

Algumhas das patologias reconhecidas, provocadas polo pó de urânio som: afeiçons renais, cancros, leucemia, tumores ósseos e malformaçons nos embrions.

Devido à sua densidade, as projécteis com cabeça de urânio empobrecido podem perfurar o aço blindado de carros de combate e de edifícios. Estes projécteis som lançados de tanques ou de avions anti-carro e também os mísseis Tomahawk vam equipados com urânio empobrecido na sua ponta.

Até agora utilizárom-se estas muniçons na guerra do golfo, na guerra dos Balcans, no bombardeamento da NATO na Bósnia, na invasom do Afeganistám, e na invasom do Iraque.

O próprio governo títere do Iraque reconhece que o uso de armas com urânio empobrecido pola parte dos EUA é a causa do aumento de casos de cancro. Polo menos 350 lugares do Iraque fôrom poluídos durante os bombardeamentos com estas armas, polo qual o país regista 140.000 casos de cancro, com umha taxa de entre 7.000 e 8.000 casos registados cada ano.

As armas com urânio empobrecido consideram-se armas convencionais e as forças armadas utilizam-nas livremente. O uso de armas com urânio é inaceitável, um crime contra a humanidade.

ALÉM MINHO

Emigração portuguesa na Galiza padece condições laborais precárias

PAULO RUBEN REIS / O industrializado noroeste de Portugal, com um tecido produtivo baseado na mão-de-obra intensiva e pouco qualificada, ligada essencialmente aos sectores tradicionais, como o têxtil, o calçado e a metalomecânica, com uma vertente exportadora significativa, tem sofrido as consequências da concorrência nos mercados tradicionais, sobretudo da China.
A região tem também assistido à deslocalização massiva das empresas multinacionais, estas sempre em busca de remunerações ainda mais baixas e de tributações fiscais mais vantajosas.

A construçom civil é outro sector com um peso significativo na economia local, estando este em profunda crise, derivado do contexto recessivo da região, assim como do abrandamento das obras públicas, originada pela descapitalização generalizada dos municípios, assim como, pelo obsessivo objectivo de contenção do défice público por parte do governo português.

Mais uma vez, a emigração é a solução encontrada para muitos milhares de portugueses, sendo a Galiza, pela sua proximidade e afinidades, um dos destinos escolhidos.

Segundo dados da União dos Sindicatos de Braga, estima-se que mais de 40.000 portugueses trabalhem actualmente na Galiza; destes, cerca de 10.000, legais e ilegais, são trabalhadores transfronteiriços, atravessando todos os dias a fronteira de segunda a sexta-feira.

São inúmeras as empresas de construção que, por uma questão de sobrevivência, se deslocam para a Galiza, fazendo sobretudo trabalhos de "subempreitada", transportando os seus trabalhadores, pagando a estes salários "à portuguesa", fazendo deste modo concorrência desleal aos trabalhadores galegos.

Tem havido, e convém intensificar, a conjugação de esforços na denúncia da precariedade laboral e do incumprimento da legislação em vigor na Galiza por parte dos sindicatos portugueses e galegos, de forma a que, para um trabalho igual, haja salários e direitos iguais.

Greve contra o "estado de excepçom" no País Basco

DUARTE FERRÍN / A esquerda abertzale lançou a 10 de Fevereiro umha convocatória de greve que tivo como efeito imediato a detençom de catorze representantes políticos, dos quais 11 entrárom na cadeia. Essa convocatória foi um êxito, arredor de 40.000 cidadaos bascos saírom à rua para secundar as mobilizaçons, de maneira que se converteu numha das jornadas de greve geral de maior seguimento dos últimos anos.

Numerosos estabelecimentos comerciais de vilas e cidades da geografia basca amanhecêrom com as suas persianas fechadas e fôrom centenas de empresas a pararem a sua produçom. Faculdades e institutos tivérom umha baixa assistência de estudantes e professores; e exemplares de meios de comunicaçom como o Gara ou o Berria nom tivérom a sua habitual presença nos quiosques.

A intervençom dos diferentes corpos policiais foi deixando um regueiro de cargas violentas, que acabou com mais de 25 pessoas feridas polas forças policiais e mais de umha vintena de detençons. Além disso, agírom como 'piquetes' para impedirem que lojas comerciais e fábricas se somassem à paralisaçom laboral.

Nos diferentes actos ouvírom-se frases como: "a esquerda abertzale nom cessará o seu trabalho político". "Teremos a mao tendida em favor de um enquadramento democrático e o punho fechado para denunciar todos os ataques". "A esquerda abertzale nom pede a independência e o socialismo para amanhá, senom umha saída democrática ao conflito que padece Euskal Herria. Pedimos o direito a viver e pensar como naçom".

ANÁLISE

BNG em Madrid: pragmatismo ou renúncia?

No ano 1984, com a chegada dos restos de Castelao, Francisco Rodríguez, líder da UPG, foi detido e posteriormente condenado a dous anos de cárcere por queimar umha bandeira espanhola. Ele sempre negou os factos, manifestando, isso sim, que pola insígnia espanhola sentia "umha nula identificaçom afectiva e racional". Mais de vinte anos depois, o deputado Francisco Rodríguez é despedido afectuosamente polo presidente do Governo espanhol, que louva o seu trabalho construtivo de apoio à governaçom do Estado. Para além do anedótico, a evoluçom política do líder mais influente do nacionalismo galego mostra-nos um rastro significativo da própria evoluçom do BNG nas últimas décadas.

ALONSO VIDAL / Acontece que, nos últimos vinte e cinco anos, a mudança das posiçons políticas traçam percursos vertiginosos que vam desde a expulsom do Parlamento galego, por recusar-se à jura da Constituiçom espanhola e rejeitar a Autonomia, até a consecuçom da Vice-Presidência dessa mesma Autonomia; da luita das Encrovas, ao lado da vizinhança, à desqualificaçom do movimento vicinal por mobilizaçons 'manipuladas' contra a Reganosa. Da "independência e socialismo" à social-democracia e o Estado plurinacional; do "parlamentinho de cartom" ao tapete vermelho dos gabinetes de Sam Caetano. Do "Sim, sim, sim, espanhóis a Madrid" à exigência de mais orçamentos para a construçom do TAV, para levar quanto antes a "força da Galiza a Madrid".

E o problema nom é tanto a evoluçom de umha força política que deve adequar necessariamente as suas respostas aos momentos históricos e políticos em que vive. Isso é compreensível. O problema é antes o lastro que se vai largando em viagem, o que se vai deixando polo caminho, quando nom o caminho empreendido mesmo. O abandono paulatino de posiçons de referência para a sociedade galega, do compromisso com as luitas populares e o despojo das principais senhas de identidade, pode conduzir à hipótese certa de que, no fim, nos há de ficar a nudez mais absoluta ou a impossibilidade de nos reconhecermos.

Nom se pode negar a importância do BNG no crescimento do sentimento nacional. Muito menos o papel fundamental que durante todos estes anos desempenhou na defesa dos nossos sectores produtivos. O Bloco foi o motor de muitas mobilizaçons populares e do nascimento e consolidaçom de um sindicalismo nacionalista. Inclusive da auto-organizaçom popular. Qualquer manifestaçom popular estava ateigada de bandeiras com a estrela. Pode ser plausível a mudança de rumo do Carvalhinho para um possibilismo táctico ou um pragmatismo efectivo: é preciso chegar ao poder para transformar o País, dizia-se. Sem abandonar a luita social, a defesa da terra, a língua, e os sectores mais populares. É possível, é mas efectivo, é necessário. E a força de milhares de militantes e simpatizantes

Quintana apressa-se a tranquilizar os madrilenos: o BNG nom é independentista. Pode-se confiar nele para a política estatal

acompanhou essa onda de aberturismo. Chega-se ao poder em concelhos. Vigo. Caos. Procissons do Cristo. Urbanismo especulativo.

Porém, como se dixo há três anos, perdendo, ganha-se, em ocasions. Com a chegada ao poder em Compostela, a mudança é possível. A mudança atrasa-se. A mudança não chega. Paciência, di-se. Acabará por se notar.

E certamente vai-se notando. Em claro-escuro. Por um lado, o mais positivo, as galescolas, a lei de igualdade ou a política da habitaçom. Polo outro, o negativo, a administraçom paralela, que tanto era criticada, aumenta; a Cidade da Cultura passa de mausoléu a projecto de envergadura; a compra de voto emigrante com ajudas ou cheques; as comidas populistas com baile para a terceira idade, sem Fraga, mas agora com finalidade 'informativa'; o aumento do plus a altos cargos funcionários, o plano aqüícola que destruirá a nossa geografia litoral, a aprovaçom de planos urbanísticos à medida das grandes construtoras. Urbanizaçons, campos de golfe em zonas da rede natura, portos desportivos, turistificaçom para elites, denúncias de corrupçom urbanística... De criticar a ENCE a apoiar a Reganosa enfrentando a oposiçom vicinal. E assim, nesse tom cor-de-cinza, com tendência ao consenso com as forças estatais, ou a um silêncio cúmplice no melhor dos casos, vai-se desenvolvendo a acçom de governo. Certamente, nom parecem boas acreditaçons para a motivaçom.

Hoje, em plena campanha eleitoral, somos convocados, os simpatizantes nacionalistas, a votarmos para ter "mais presença" em Madrid. Nom é a primeira vez que se utiliza o reclamo. Ainda podemos lembrar como era urgente um grupo parlamentar na capital se a nossa intençom fosse equiparamo-nos com as outras naçons do Estado. Mas o matiz era daquela diferente. O nacionalismo nom tinha tocado poder e a sua virgindade era para muitos garantia e esperança. A esperança de que seria defendido sem complexos o nosso direito a decidir em pleno coraçom do império. Já veriam,

Diluir a perspectiva soberanista no pragmatismo como caminho para a governaçom nom parece linha adequada. Os eleitores sempre preferirám um PSOE ou um PP autêntico a um BNG parecido. Por enquanto, as causas urgentes continuam na rua, à espera de apoios. Nom nos deve estranhar que esteja a surgir espontaneamente um movimento popular à margem do nacionalismo maioritário. Agora escasseiam bandeiras com estrela nas manifestaçons. A mocidade mais combativa está fora das bases do BNG. E isso deve preocupar

pensávamos entom, estes nacionalistas espanhóis quando se ouvisse a voz firme, em galego, do nosso Francisco Rodríguez na defesa da nossa identidade, da nossa liberdade, da nossa independência. Hoje, nem dá para aspirarmos ao grupo parlamentar e havemos de nos conformar com a representaçom mínima para podermos 'ser decisivos' no apoio a Zapatero. Parece que as quotas de poder autonómico, e a sua acçom de governo, nom dam para aumentar a confiança do povo na capacidade do BNG. Será insuficiente a moderaçom do projecto? Por se isto fosse assim, Quintana apressa-se a tranquilizar os madrilenos: o BNG nom é independentista. Pode-se confiar nele para a política estatal. Será possível ser nacionalista sem ser independentista ou, ao menos, soberanista? Será possível ser nacionalista e nom aspirar a um estado próprio? Entom, para que queremos a representaçom em Madrid? Para conseguirmos 'mais financiamento'? Para salvarmos a cabeça de ministros em troca de uns milhares de euros? Para contribuirmos para a consolidaçom definitiva do Estado das autonomias e a monarquia bourbónica? Para situar-se ao lado do PP e do PSOE recusando mesmo umha saída dialogada ao conflito basco?

Diluir a perspectiva soberanista, abraçando exclusivamente o pragmatismo como caminho para a governaçom nom parece a linha adequada, entre outras cousas porque os eleitores sempre preferirám um PSOE ou um PP autêntico a um BNG parecido com eles. Por enquanto, as causas urgentes continuam na rua, à espera de apoios. Nom nos deve estranhar, entom, que esteja a surgir espontaneamente um movimento popular à margem do nacionalismo maioritário. Agora escasseiam as bandeiras com estrela nas manifestaçons. A mocidade mais combativa está fora das bases do BNG. E isso deve preocupar.

A essa mocidade e aos velhos nacionalistas que há anos empurravam a barreira policial, entre golpes, cada 25 de Julho na Porta da Mámoa, para conseguir chegar à Quintana, pede-se que apoiem um projecto integrador com o Reino de Espanha, que se conformem com o que temos, que aspirem como muito a ser reconhecida a nossa identidade nacional na Constituiçom espanhola reformada sine die, que contribuamos para a construçom de um Estado que nom é o nosso, que luitemos para conseguir mais financiamento. Nem as palavras som cuidadas. Como, infelizmente, umha outra alternativa soberanista se debate entre nascer ou abortar por enésima vez, dá-se por seguro o nosso apoio. Nom há outra opçom. É o que há. Tem-se por seguro o nosso voto da mesma forma que contava Manolo Rivas que ladrava o cam de palheiro: "sem ganas, mais que nada porque é o que se espera dele". Assim se pretende que vaiamos às urnas a 9 de Março. Entre a desmotivaçom e o desamparo.

NOVAS DA GALIZA
15 de Fevereiro a 15 de Março de 2008

A FUNDO

O negócio eólico tutelado pola UPG avança com novos sócios sem corrigir a desfeita do PP

A NOVA POLÍTICA DE INDÚSTRIA IMPULSIONA O RELANÇAMENTO DO SECTOR E MULTIPLICARÁ O NÚMERO DE MOINHOS

As pretensons da Conselharia da Indústria para incorporar a participaçom pública nos eólicos nom significa alteraçons substanciais no panorama que sobre o terreno desenhou o governo Fraga. Apesar de proteger lugares de especial interesse ambiental, a Junta evita intervir sobre as agressons já produzidas através do repotenciamento de aerogeradores, o que permitiria reduzir em grande medida o seu número. Na prática, instalarám-se centos de novos moínhos para atingir os 6.500 megavátios proclamados por Fernando Blanco numha operaçom estratégica auspiciada polo núcleo duro da UPG, que estendeu o poder na Conselharia até forçar a demissom do director do INEGA, Xoán Ramón Doldán. Mudam algumhas empresas beneficiadas mas mantém-se a proliferaçom de eólicos Em breve, Indústria abrirá o concurso para a distribuiçom de 2.325 novos megavátios, a maior oferta aprovada até o momento na Galiza.

A executiva da patronal eólica, na imagem, conseguiu que a participaçom pública nos novos parques nom fosse umha condiçom vinculante para as concessons. Representam às empresas favorecidas durante o governo Fraga Iribarne

MARCOS S - HILDA C. / Os baluartes da Consellaria de Indústria emprendérom umha silenciosa fase da nova gestom do filom eólico, depois de ter iniciado no ámbito municipal a experiência da gestom eólica compartilhada. Depois de ano e meio de governo quase nom se conheciam as intençons da conselharia e o pouco que transcendia era umha tímida beligerância com os grandes consórcios que vinham operando no País, o que nom ocultava umha sensaçom de paralisia no gabinete. Porém, pouco mais tarde conhecia-se que estava a nascer a nova nave nodriza da política eólica, que acolheria os novos operadores eólicos, o sector público e toda umha série de empresas fornecedoras e de subcontrataçons que haveriam de formar a nova trama do sector nos novos tempos. Segundo o gabinete de imprensa da própria conselharia, perseguem o "retorno social do incremento da potência através da participaçom pública, a preservaçom do meio natural e o emprego da energia como factor de dinamizaçom económica".

Incremento de potência e negociaçons com o empresariado

Passam dez meses entre a chegada a Indústria do BNG e a primeira decisom relevante na política eólica. A nova conselharia emitiu umha ordem a 22 de Maio de 2006 pola qual estabelecia a admissom de um máximo de 750 novos megavátios de potência eólica. A essa ordem apresentárom ofertas diferentes empresas, por um total de 1.900 MW. O processo finalizou em Fevereiro de 2007, quando fôrom aprovados projectos por um total de 511,1 MW, distribuídos em 21 novos parques e em 3 repotenciamentos de parques já existentes. Entre as empresas a que se autorizou projectos figuram Unión Fenosa, com 120 MW, Gamesa com 84, Engasa com 56, Eurovento com 48 MW, Galenova com 37 MW e Hidroeléctrica Galaico-Portuguesa, com 15,2 MW (a instalar num parque na Serra do Eixo, em Carvalheda de Val d'Eorras). Desta forma, o BNG concluía a planificaçom eólica do anterior governo e dispunha-se a iniciar umha nova fase de desenvolvimento, partindo de um total de 4.078 MW de potência instalada, autorizada ou em tramitaçom.

A nova fase começaria depois de ter sido dado a conhecer o novo decreto que haveria de regular a concessom de nova potência eólica. O objectivo reivindicado por Fernando Blanco era alcançar os 6.500 MW de potência em 2012. Como instrumento para cumprir tal objectivo o Instituto Energético da Galiza (INEGA) trabalhava na articulaçom do decreto que estabeleceria os critérios orientadores para valorizar as ofertas das empresas para fazer-se com a nova potência oferecida, 2.325 MW, que sairá a concurso nos próximos dias.

Umha das premissas com que o INEGA e a conselharia trabalhavam era a de favorecer a reversom de umha parte dos benefícios eólicos à sociedade, através da participaçom da Junta. O decreto fixava inicialmente como condiçom prévia que o promotor cedesse um 10% dos benefícios à Junta. Perante a oposiçom frontal do grupo patronal eólico (Associaçom Eólica da Galiza) a percentagem descia a 5% nas negociaçons até, finalmente, ficar simplesmente como um mérito a valorizar.

> Indústria abrirá antes das eleiçons espanholas o concurso para outorgar 2.325 novos megavátios para a energia do vento. Significa mais de metade da potência actualmente autorizada (4.078) e acarretará a instalaçom maciça de novos moinhos. Nom se adoptam medidas para mitigar os danos já produzidos em espaços protegidos

Paralelamente, a Conselharia da Indústria mantém encontros intensos com diferentes empresários galegos e entidades financeiras para fomentar a criaçom de um ou vários grupos empresariais eólicos com capital autóctone que se prestem a cumprir as condiçons da nova política que quer impulsionar o BNG.

Um dos primeiros a negociar foi o empresário corunhês Manuel Jove, accionista de Unión Fenosa. Outro dos referentes foi o presidente da construtora San José, Jacinto Rey, que chegou mesmo a manter um encontro distendido com Anxo Quintana no seu iate no Verao de 2005, mesmo depois das eleiçons que introduziam o BNG no governo autonómico.

As negociaçons cristalizam quando Manuel Jove e Jacinto Rey criam os seus respectivos grupos energéticos. Em Abril de 2007, Tourinho mantém um encontro público com os accionistas de GAELSA, encabeçados polo próprio Jove, acompanhado por José Manuel Cortizo, do Grupo Cortizo, Epifánio Campo e Manuel Añón, de Siderúrxia Añón, e Jacobo Couceiro, de Alcuba. Nesses momentos fala-se abertamente de que GAELSA se compromete a investir 100 milhons de euros numha fábrica de componentes de aerogeradores com o objectivo de fazer-se com 600 dos aproximadamente 2.400 MW de nova potência a autorizar, quer dizer, 25% do montante total, percentagem que mais tarde apareceria como teito a adjudicar a umha só empresa no decreto de regulaçom e que GAELSA pretenderia alcançar ao longo dos três vindouros anos. Desta forma, GAELSA e o grupo de San José somam-se à iniciativa de Caixanova, que detém 67% das acçons em Eólica Galenova, e vam dando forma à nova trama de empresas que se irám beneficiando com a nova política eólica.

Com o objectivo de favorecer as empresas que cooperem com a Junta, a Conselharia estabeleceu já entre os critérios de avaliaçom empregados na convocatória de 2006 que os novos parques estivessem ligados a projectos de desenvolvimento local e que dispugessem de fórmulas de participaçom pública. Após a resoluçom da convocatória, 10 dos 21 novos projectos admitidos a trámite contemplavam fórmulas de participaçom que permitirám ao INEGA entrar em projectos por umha potência aproximada de 33 MW. Estes 33 megavátios, curiosamente, som os oferecidos polas empresas Galenova, Engasa, Hidroeléctrica Galego-Portuguesa, Isolux e ENEL-Fenosa Renovables, cujos pedidos fôrom atendidos concedendo-se-lhe mais de 50% da potência solicitada, o que implica, no total, mais de 250 MW.

Em finais de Março de 2007, Anxo Quintana e Fernando Blanco apresentárom publicamente a proposta de novo decreto. Quintana afirmava que a nova normativa de regulamento funcionaria como motor "para planificar aqui e em chave de País" este recurso energético e "para que os galegos e as galegas sejamos os primeiros a nos beneficiarmos da energia que se produz em Galiza e que nom sejam outros a se enriquecerem à nossa custa". O decreto publicou-se no DOG a 3 de Janeiro de 2008.

Na actualidade, o patronato que agrupa as dez empresas beneficiárias do primeiro plano eólico de

Um dos controversos novos sócios que lhe proporcionará cooperaçom tecnológica é o actual presidente da ENCE Juan Luis Arregui, que fora co-fundador de Gamesa, empresa pioneira na aposta eólica que ostenta a primeira posiçom na Galiza em geraçom de energia deste tipo, com perto de seiscentos megavátios e autorizaçom para instalar 760, e também líder na fabricaçom de componentes

A aposta de Fernando Blanco em impulsionar mais o tecido eólico instando à participaçom pública enquadra-se na estrategia defendida por Anxo Quintana de procurar apoios nas grandes empresas do País. Optam por buscar relaçons fluídas mesmo com sectores industriais que foram inimigos tradicionais do nacionalismo

Ensaiando com Eurovento em Muros antes de cozinhar com as empresas na Junta

A batalha do BNG pola Conselharia da Inovaçom e Indústria e a sua aposta no redesenho da gestom eólica tinha um precedente na localidade de Muros, onde o governo municipal integrara vereadores na gestom do parque eólico singular participado por Eurovento. Em 2005 o actual chefe de gabinete de Indústria Xoán Manuel Bazarra Agulla, na altura vice-presidente desta câmara municipal, fora incluído como administrador na empresa Vento Mareiro SL em representaçom do BNG, junto a Berlarmino Maneiro Rey que ocupava a quota reservada para o PSOE. Antes da experiência muradá o entom governo nacionalista de Carnota já participava com Eurovento na gestaçom do seu parque eólico singular, Carnotavento SL, em cuja direcçom figurava o vereador José Antonio Domínguez Caamaño e o ex-presidente da Cámara José Manuel García Martínez, que em 2005 era nomeado presidente da empresa co-participada polo ente municipal. Ambos os concelhos aproveitavam a figura criada polo PP com base no decreto 302/2001 que permitia a criaçom de pequenas instalaçons eólicas com a participaçom dos municípios em que se implantavam.

> O BNG de Muros conseguiu a entrada do concelho na gestom do parque singular Vento Mareiro. Assim inaugurava na prática a sua relaçom com Eurovento, empresa destacada na proliferaçom deste tipo de infraestruturas

Na distribuiçom do accionariado da empresa, Eurovento conta com 49% do capital, acompanhada por participaçons dos cofres municipais. Apesar de Bazarra Agulla ter abandonado os seus cargos na vereaçom de Muros, continua na administraçom da empresa ao mesmo tempo que exerce de alto cargo na Conselharia que dirige Fernando Blanco. O presidente de Vento Mareiro é José Manuel Pazo Paniagua, de Eurovento e ex-presidente da Associaçom Eólica da Galiza, enquanto Yoshimichi Matsuura se encarrega da supervisom financeira como representante do capital japonês da antedita empresa.

O BNG de Muros defendera desde o início dos trámites deste pequeno parque eólico a participaçom municipal na gestom. Com a entrada dos representantes da vereaçom no quadro de administraçom da empresa inaugurava na prática a sua relaçom com Eurovento, umha das empresas protagonistas na proliferaçom deste tipo de infraestruturas energéticas ao longo do País e que fai parte do núcleo empresarial com que contam os actuais gestores de Indústria para o desenvolvimento do Decreto Eólico.

Fraga afirmam que o decreto é ambíguo no referido à participaçom pública e que "ainda que a obrigatoriedade se retirou do texto definitivo, continua a figurar como um requisito ponderável, o qual na prática há de ser umha condiçom excluente". Por isso, e ainda que reconhecem que o texto tem melhorado para os seus interesses, anunciáron que apresentarám um recurso contencioso-administrativo, pois afirmam sentir danados os seus direitos e pensam que a nova norma dará lugar a situaçons conflituosas.

À procura dos tecnólogos

A Conselharia da Indústria precisa de alianças empresariais para desenvolver a sua nova planificaçom eólica, novos sócios capacitados com trajectórias dificilmente compatíveis com a manifestada vontade de mudança real neste ámbito. No caso de San José, a dilatada experiência na construçom de parques eólicos para Eurovento, a terceira promotora a trabalhar no País, fornece-lhe os elementos necessários para mover-se no terreno tecnológico.

Outro dos controversos novos sócios que lhe proporcionaria cooperaçom tecnológica é o actual presidente da ENCE Juan Luis Arregui, que fora co-fundador de Gamesa, empresa pioneira na aposta eólica que ostenta a primeira posiçom na Galiza em geraçom de energia deste tipo, com perto de seiscentos megavátios e autorizaçom para instalar 760, e também líder na fabricaçom de componentes.

Incremento de potência e repotenciamento eólico: alternativas para os espaços da Rede Natura

A tecnologia eólica tem avançado substancialmente nos últimos 10 anos. O investimento em nova maquinaria cresce à medida que as empresas progridem nos seus planos. É assim que na actualidade é possível falar de aerogeradores de 3 MW de potência. Para as empresas instaladas em zonas altamente produtivas como as serras da Capelada, Gistral ou Candám, todas elas na Rede Natura 2000, a superfície ocupada polos aerogeradores (a maioria de menos de 750 KW), impedelhes aproveitar melhor o potencial do vento. As empresas poderiam investir dinheiro substituindo os aerogeradores obsoletos de 300 ou 600 KW que ocupam maciçamente serras de enorme valor ambiental e paisagístico, e instalar novos aerogeradores de 2 ou 3 MW, incrementando a potência total e diminuindo sensivelmente o impacto visual, ao libertar destas serras linhas inteiras de aerogeradores.

Um especialista em impacto ambiental de parques eólicos consultado por Novas da Galiza manifesta-se rotundamente: "só imaginar as possibilidades desta operaçom em serras como o Gistral deveria ser umha motivaçom para um governo progressista". Assinala que dos mais de 900 aerogeradores e 670 MW que há nesta serra "poderia passar-se a menos de 300 máquinas, incrementando de forma significativa a potência". Como exemplo refere o parque eólico Bustelo-Sam Joám, que com 124 moinhos e 40,5 MW, poderia transformar-se num parque que "com tam só 20 moinhos poderia alcançar os 60 MW". Este modelo poderia aplicar-se naqueles espaços naturais onde a instalaçom de eólicos acarretou um grave impacto ambiental e visual, como a serra do Candám, a da

Capelada, a do Barbança ou os montes de Carnota e Maçaricos.

Com o objectivo de tratar de resolver a desfeita que instaurou a política eólica do PP em muitos dos melhores espaços naturais do País, esta proposta de repotenciamento foi apresentada por membros da organizaçom ambientalista ERVA na entrevista que mantivéron na sede do INEGA com o seu ex-director a princípios de 2007. Xoan Ramón Doldán afirmou que por parte do organismo iam fazer todo o possível para favorecer os processos de repotenciamento nos espaços da Rede Natura. Porém, a realidade virou as costas a esta intençom. "Pensamos que nesse momento Doldán sabia que era difícil cumprir essa promessa e que o que dizia só era umha intençom. As directrizes reais de favorecer a entrada de novos promotores impediam qualquer manobra para solucionar o problema do Gistral ou do Candám, que fôrom os espaços onde lhe propugemos aplicar a proposta", comentou a esta publicaçom um dos representantes de ERVA.

Por sua vez, a ADEGA mostrou a sua satisfaçom porque o decreto contemplasse como zonas de exclusom aquelas consideradas de valor natural protegido. No entanto, também apresentárom alegaçons para promover a recuperaçom dos territórios já afectados da Rede Natura através de permutas ou da nom renovaçom das concessons actuais. E sugerem contemplar a possibilidade do "repotenciamento obrigatório" dos parques existentes para reduzir a densidade de aerogeradores.

Ao favorecer os novos promotores, torna-se difícil impulsionar um processo de repotenciamento nos espaços naturais já afectados pola massificaçom eólica. Dos 2.400 MW que pretendem instalar até 2012 (quase 500 MW por ano), fontes consultadas estimam que mais de metade será para um selecto grupo de novos operadores, o qual deixa umha escassa margem de manobra para eliminar moinhos nos espaços de Natura 2000 e zonas limítrofes (mais de 1.250 MW e quase 2000 aerogeradores). Em conseqüência, a nova potência a instalar deverá ocupar novas localizaçons. A massificaçom eólica do horizonte galego está servida e parece evidente que, da mao do BNG, se aproxima umha nova vaga de industrializaçom dos montes do País. Fontes ambientalistas consideram "sarcástico" que a Vice-Presidência e Indústria activem umha campanha institucional com o lema "Galiza, umha potência", "o qual revela até que extremo o nacionalismo dominante tem assumido os princípios megalómanos do PP como modelo a seguir", asseveram.

A Junta financiará a transferência da empresa poluente, conforme indicou La Voz

A transferência da ENCE e a entrada de Arregui no sector eólico galego

Outro dos exemplos de política industrial que contrasta com as reivindicaçons assumidas historicamente polo BNG é o caso da ENCE. Segundo informaçons publicadas polo diário de maior tiragem na Galiza, a Junta estaria disposta a custear as despesas da transferência da ENCE. Estas informaçons aludem à manifestada pretensom do conselheiro do Meio Ambiente de levar a indústria para as Pontes. Do ponto de vista ambiental seria factível quando o lago da mina de ENDESA estivesse cheio, pois um volume de água como este permitiria à nova celulose diluir os seus efluentes. O convite ao presidente da ENCE, Juan Luis Arregui, para investir no sector eólico e de energias renováveis, seria umha forma de procurar compensaçons polo custo do traslado. Porém, os grupos ecologistas já mostrárom a sua rotunda rejeiçom a que a ENCE vaia para as Pontes, pois isso "reforçaria o consórcio eucalipteiro e perpetuaria a actual situaçom do sector florestal, na qual os oligopólios da indústria desintegradora ditam a política florestal que está a conduzir à desapariçom dos bosques autóctones numha grande parte do País", afirma um porta-voz da ERVA. Em todo este processo, parece óbvio também o papel que está a jogar a Conselharia da Indústria, disposta a favorecer as pretensons da celulose.

> O convite ao presidente da ENCE, Juan Luis Arregui, para investir no sector eólico e de energias renováveis, seria umha forma de procurar compensaçons polo custo do traslado. Porém, os grupos ecologistas já mostrárom a sua rotunda rejeiçom a que a indústria vaia para as Pontes

Central térmica da ENDESA nas Pontes. Esta localidade está conectada por várias linhas eléctricas de 400 KV

As chaves da política energética

A recente apresentaçom de um novo plano de dinamizaçom industrial revelou a visom que o bipartido tem sobre as necessidades económicas e industriais. A reserva de solo industrial para novos parques empresariais na faixa ocidental contrasta com a cativa planificaçom que se projecta de solo industrial no interior, onde se projectam só plataformas logísticas, que ocupam superfície mas mal criam emprego.

REGANOSA e o balanço eléctrico

O posicionamento explícito a favor da REGANOSA e do que representará o gás no modelo energético a médio prazo é indicativo de umha nova perspectiva no nacionalismo autonomista. Se tradicionalmente se empregava o balanço eléctrico como exemplo claro da imagem de Castelao na qual os de fora venhem mugir a vaca, hoje assume-se sem rubor que "já somos deficitários polo consumo em derivados do petróleo", exactamente o mesmo que afirmava o governo do PP há três anos.

Biodiesel e outras ervas

O impulsionamento deste tipo de indústrias é um objectivo de Fernando Blanco. À Bioetanol Galicia SA, fábrica já existente no desertizado parque empresarial de Teixeiro, vam somar-se novas fábricas de processado de resíduos vegetais para a fabricaçom de biocombustíveis. Isolux, Acciona, GAELSA, Tecnoambiente, e outras empresas mais promovem novas instalaçons em diferentes pontos do País, que nalguns casos poderian precisar da dedicaçom de amplas superfícies da Galiza para a produçom de vegetais como soja, colza ou girassol, o que, segundo Blanco, colocaria a Galiza à cabeça dos produtores europeus de biocombustíveis.

> Quase 40% da energia parte para fora e a situaçom de abastecimento eléctrico deficiente em muitas comarcas nom se resolve. É mais, potenciam-se novas linhas de alta tensom para poder evacuar melhor a produçom de energia eólica

Electrificaçom rural e eólica

Umha das máximas históricas do nacionalismo foi contrastar duas situaçons contrapostas no panorama da electricidade no nosso país. Por un lado, a sobreproduçom eléctrica, com quase 40% da energia que parte para fora e, por outro, a situaçom de abastecimento eléctrico deficiente em muitas comarcas da Galiza. Na actualidade, ademais de relativizar o balanço eléctrico e falar de mudança climática, impulsionam-se novas linhas de alta tensom para poder evacuar melhor a electricidade eólica. Linhas de 400 KV estám já a ser tramitadas ou executadas (Mesom do Vento-As Pontes) e outras já se contemplam no novo decreto eólico, como a que unirá a subestaçom de Bolmente, em Viveiro, com a localidade de Pesoz, nas terras de Návia-Eu, onde se prepara já o assalto eólico de serras como a da Bóbia.

A permanência de Xosé Ramón Doldán à frente do INEGA acabou por ser insustentável polas pressons do núcleo da UPG na Conselharia de Indústria. Na imagem, o ex-director do ente acompanhado por Fernando Blanco

XOÁN RAMÓN DOLDÁN DEMITE POLA EXTENSOM DA TRAMA DA UPG AO INTITUTO ENERGÉTICO DA GALIZA

A jogada do partido para controlar Indústria

A Conselharia da Indústria foi um objectivo preferencial do BNG nas negociaçons de competências para a conformaçom do bipartido. Abrange umha área de governo estratégica com grande presença pública que abre a possibilidade de tecer importantes redes de poder. Assim, a UPG pujo-se maos à obra e situou Fernando Blanco como conselheiro e Xoán Manuel Bazarra como chefe de gabinete para vigiar os movimentos das direcçons gerais que, segundo fontes das mesmas, controla de forma obsessiva, provocando a repulsa de boa parte dos directores gerais e tendo ganho a alcunha de 'comissário' entre o pessoal contratado. E o partido aproveitou para situar Xosé Ramón 'Moncho' Hermida como assessor, um posto difuso que lhe permite manter o controlo político do nacionalismo na Marinha com remuneraçom assegurada, onde continua a ostentar o cargo de responsável comarcal do BNG. Diversas fontes sindicais e do nacionalismo marinhao indicam que aproveita a sua posiçom no governo autonómico para incrementar a sua influência. Estas fontes e outras da própria Conselharia indicam que "está desaparecido" das dependências de Indústria e que continua a exercer as suas funçons políticas na área geográfica da que é natural.

No Instituto Energético da Galiza (INEGA) designavam Xosé Ramón Doldán García como director, funçom que lhe permitiu grandes doses de autonomia conforme tinha sido desenhada a entidade polo PP. Nos primeiros meses de gestom, os novos responsáveis procederam a reduzir o esbanjamento provocado polos 'populares' conseguindo, em finais de 2007, poupar umha quantia superior ao milhom de euros. Para isto controlárom as despesas do parque móvel, estacionamentos, combustível, telefone e alugueres, entre outros, segundo apontam no INEGA. No entanto, Doldán García era um nacionalista nom integrado no núcleo duro do partido que exerce o controlo do BNG, o que tinha levantado desconfianças no 'aparelho' que provocárom movimentos destinados a conhecer de primeira mao o dia-a-dia do instituto energético.

Em finais de 2006 era destituído no INEGA Roberto Calaza como chefe de pessoal, planificaçom e gestom, personagem considerado o chefe da trama de malversaçom do anterior governo. Após rejeitarem diferentes substitutos, Xoán Manuel Bazarra situava no posto, nos inícios de 2007, umha pessoa de confiança no partido, Mónica Velasco Pérez, a quem membros do ente energético assinalam como enlace do comissariado 'upegalho'. As mesmas fontes indicam que desde a sua chegada pretendeu beneficiar infrutuosamente umha série de empresas administradas por Manuel Rodríguez Sedano, dirigente do colégio Junior's, como a 'Consultora de Estudios Económicos y Sociales SL' (CEES), 'Maisatención SL' ou 'Gestión de Estudios y Análisis SL' (GESAN), assim como outras vinculadas à UPG como Carrumeiro Media SA, da qual o próprio Bazarra Agulla tinha sido fundador e administrador.

> Um trabalhador da confiança de Doldán García que denunciara internamente as pretensons de beneficiar empresas acabou por ser despedido sob a acusaçom de "deslealdade à instituiçom". Fontes consultadas asseguram que a UPG pretendia governar o INEGA passando por cima da figura do director, o que forçou a demissom de Xosé R. Doldán

A chegada de Velasco Pérez provocou rejeiçom na maior parte dos e das assalariadas da entidade energética pola sua atitude prepotente e polo pouco conhecimento com que conta sobre o sector energético, segundo assinalam diferentes trabalhadores consultados por Novas da Galiza. Entre as suas decisons mais questionadas destaca a contrataçom de Pedro Abalo, filho do ex-presidente da Cámara Municipal de Moanha Xabier Abalo – agora integrado no pessoal contratado na sede nacional do BNG –, a quem pretendeu pagar 45.000 euros brutos como engenheiro superior quando a sua titulaçom é a de engenheiro técnico.

Mas a medida mais drástica adoptada pola pessoa de Bazarra Agulla no INEGA produziu-se após a contrataçom de Raquel Vizcaya, também amparada polo 'aparelho', a quem situou no escritório ao pé de um trabalhador da confiança de Doldán García enfrentado a Mónica Velasco por denunciar internamente as pretensons de beneficiar com concessons irregulares determinadas empresas. Às ordens de Xoán Bazarra, Vizcaya procedeu a gravar ilegalmente as conversas do trabalhador perseguido que acabou por ser despedido a finais de Janeiro sob a acusaçom de "deslealdade à instituiçom". A cessaçom era assinada polo próprio conselheiro Fernando Blanco perante a negativa do entom director do INEGA, que se negou a fazer declaraçons públicas ao respeito, segundo pessoas próximas em contacto com esta publicaçom.

A destituiçom deste trabalhador foi o detonante último que forçou a demissom de Xoán Ramón Doldán. Fontes consultadas asseguram que a UPG pretendia governar directamente o INEGA passando por cima da sua figura, o que teria criado desencontros no organismo. Dias antes das demissons, Mónica Velasco tentava atribuir irregularmente umha assistência técnica a GESAN polo valor de 30.000 euros. Apesar de Núñez Feijoo ter assinalado discrepáncias entre os sócios de governo em matéria energética como causa da saída de Doldán, as razons desta estavam dentro da própria conselharia dirigida por Fernando Blanco e custodiada por Xoán Manuel Bazarra.

REPORTAGEM

Processo privatizador nos correios e no ferrocarril ameaçam com isolar o rural

ARGUMENTOS MAIS ECONOMICISTAS DO QUE ECONÓMICOS PREPARAM O DESENHO DE UM PAÍS A DUAS VELOCIDADES

Um país rural e um país urbano. Umha Galiza da sociedade da informaçom e outra em que as telecomunicaçons, no melhor dos casos, som o rádio e o telefone. Um conjunto de cidadaos e cidadás na 'primeira divisom' e outro grupo, numeroso, na cauda da tomada de decisons e da recepçom de serviços. Nas linhas seguintes comprovaremos a dolorosa fractura territorial e social produzida polo desmantelamento e a privatizaçom de dous serviços essenciais: os caminhos-de-ferro e os correios.

HELENA IRÍMIA / Reduçom de horários, supressom de linhas, alta velocidade que nom chega, precários equipamentos, restruturaçom de serviços e amplas zonas do país dessassistidas. É o panorama que desenham na Galiza os critérios economicistas aplicados à infra-estrutura ferroviária. Hoje, em pleno ano 2008, o nosso país 'desfruta' de um serviço de caminhos-de-ferro próprio do século XIX. Um dos serviços mais antiquados e deficientes já nom só do Estado, mas de toda da Uniom Europeia, só melhores do que os de certas regions da Itália e da Europa do Leste.

A dinámica actual em matéria ferroviária poderia resumir-se na seguinte frase: aproximar a Galiza de Madrid. E é que o que está a acontecer é umha dupla manobra de desarticulaçom das linhas consideradas pouco rendíveis —mas com umha funçom vertebradora e utilitária dificilmente substituível—, mormente nas zonas rurais, para concentrar os —aliás, fracos— investimentos e esforços no eixo atlántico da Corunha até Vigo e deste eixo a Madrid —prévia passagem pola meseta castelhana—. Precisamente, as tarefas para a ligaçom madrilena estám a demorar os trabalhos na área cantábrica, e situaçons como o reforço de Ourense —nexo galego com Madrid— já conseguírom piorar os serviços do Sul luguês —estaçom de comboios de Monforte de Lemos.

Fora desta voragem de investimentos e da maquinaria publicitária existente ao seu redor encontram-se as pequenas localidades intermédias, como o mencionado caso de Monforte ou também Padrom, na regiom de Compostela. A desatençom destas localidades é, como já dizíamos no número 49 deste periódico (Dezembro de 2006), umha das principais diferenças a respeito do comboio convencional, o meio de comunicaçom motorizado mais ecológico até hoje e um exemplo de articulaçom polo serviço prestado às localidades que atravessa.

A dinámica actual em matéria ferroviária poderia resumir-se na seguinte frase: aproximar a Galiza de Madrid. E é que o que está a acontecer é umha dupla manobra de desarticulaçom das linhas consideradas pouco rendíveis

O prejuízo económico e ecológico revela-se na quantidade de deslocamentos forçosos a que obriga a nova configuraçom dos serviços. Precisamente, com motivo disto nom tenhem faltado nos últimos tempos diferentes manifestaçons de protesto para evitar a perda de umhas comunicaçons essenciais, e cada vez há plataformas de usuários e vicinais mais e melhor organizadas para tentarem luitar contra o desmantelamento do serviço.

> Temos um serviço de ferrocarril próprio do século XIX. Um dos mais antiquados e deficientes nom só do Estado, mas da UE, só melhor que o de certas regions da Itália e da Europa do Leste

Umha alternativa à reduçom de horários e à supressom de linhas dos trajectos 'menos rendíveis' —ou também das localidades 'pouco interessantes'— é, como noutros países, a privatizaçom dos caminhos-de-ferro. Este foi o objectivo básico para o qual o Ministério espanhol do Fomento criou o Administrador de Infra-estruturas Ferroviárias (ADIF): aplicar critérios empresariais sobre um serviço público.

Desvertebraçom territorial

No entanto, *a priori* parece pouco provável que um operador privado poida interessar-se por umhas linhas em mau estado de conservaçom e que lhe requereriam um alto investimento para as pôr em dia e conseguir rendibilizar. Parecem, pois, condenadas à supressom final pola falta de interesse do Estado espanhol, o qual terá em pouco tempo um impacto severo sobre a configuraçom da geografia humana do País, incrementando o êxodo do rural para a cidade, afortalando as grandes áreas metropolitanas —particularmente da Corunha, Compostela e Vigo— e forçando o abandono das regions de interior —algo sobre o qual associaçons ambientalistas venhem advertindo desde há muito tempo, porque a falta de atençom ao meio rural é umha das causas directas dos incêndios florestais.

> As linhas em mau estado parecem condenadas à supressom pola falta de interesse do Estado. Propiciará o êxodo do rural para a cidade, fortalecendo as grandes áreas metropolitanas e forçando o abandono das regions de interior

Por outra parte, e ironicamente, o caminho-de-ferro de 'primeira divisom' —o comboio de alta velocidade— nom tem previsto chegar à Galiza nos prazos marcados. Cumpre lembrar que o custo de construçom de umha infra-estrutura é maior na Galiza do

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar Ginzo de Límia
Alto Minho Catassol, 15 · Lugo
Artábria Trav. Batalhons · Ferrol
Atreu! S. José, 8 · Corunha
Baiuca Vermelha Ponte Areias
Casa Encantada Betanços · Compostela
A Casa da Triga P. Maior · Ponte Areias
A Cova dos Ratos Romil, 3 · Vigo
Fervesteiro Adám e Eva · Ferrol
A Formiga Redondela
A Fouce de Ouro Bertamiráns · Ames
O Fresco P.Abastos · Ponte Areias
Henriqueta Outeiro Compostela
Mádia Leva M. Amor Meilám · Lugo
SRCD Palestina Burela
O Pichel S.Clara · Compostela
A Revira Ponte Vedra
A Revolta Real, 32 · Vigo
Roi Soga Travessa, 3 · Noia
A Tiradoura Reboredo · Cangas

faísca
local social · Galiza
Rua Toledo, 9 · Calvário · VIGO
faiscagz@hotmail.com

Rua Telheira, 9
(Zona Universidade)
aesmorga
LOCAL SOCIAL ★ OURENSE · GALIZA

ARRINCADEIRA
o ribeiro galiza

Se hoje os Correios dam trabalho na Galiza a umhas 1.200 pessoas, estima-se que mediante as fórmulas anunciadas, a médio prazo a empresa terá suprimido na Galiza uns 400 empregos

que noutros países. Portanto, sendo maior o custo por quilómetro, é necessário também um maior esforço de investimentos para lograr umha ligaçom ferroviária do mesmo nível. Porém, o conjunto das despesas previstas polo Estado espanhol para os caminhos-de-ferro de 2008 é de 692,7 milhons, 0,09% mais que em 2007, mas descontando a inflaçom dá como resultado que será um investimento real 4% inferior. Se com o orçamento do ano passado os agentes sociais duvidavam que a alta velocidade desse chegado à Galiza em 2012, com um investimento real inferior parece pouco menos que impossível.

Ameaça ao correio do rural

Em amplas regions da Galiza, um dos serviços de comunicaçom mais eficientes, sobretudo em áreas bastante isoladas, continuam a ser os correios. Mas também aqui figêrom acto de presença os critérios economicistas. O Real Decreto 503/2007, que regula a prestaçom dos serviços postais, abre as portas à suspensom do serviço a todas as habitaçons situadas a mais de 250 metros de umha estrada convencional. Embora ainda nom se tenham publicado dados oficiais, calcula-se que ao redor de 400 mil pessoas poderiam ficar prejudicadas por esta medida, que as obrigaria a recolherem o correio numha caixa postal comunitária, com os conseguintes incómodos e insegurança.

A secçom sindical da Confederaçom Intersindical Galega (CIG) na empresa pública Correios denuncia que este decreto implica um grave deterioramento do serviço, e a organizaçom sindical leva já semanas mobilizando-se para evitá-lo, recentemente com umha concentraçom perante a sede da Junta da Galiza.

Correios, medos e mentiras

Devido à grande preocupaçom social e às pressons dos trabalhadores mobilizados, em datas recentes o presidente dos Correios, José Damián, deslocou-se à Galiza para negar que se fosse aplicar no nosso país a possibilidade de suspender o serviço nas zonas rurais mais isoladas. Porém, Xosé Blanco, porta-voz nacional da organizaçom sindical nos Correios, nom concede qualquer credibilidade a estas afirmaçons. "Praticamente já completárom o estudo prévio tendo em vista a possível supressom do serviço, e o trabalho de campo nom foi grátis, polo que se se molestárom em realizá-lo será para algo, e nom para ficar arquivado", indicou Blanco ao NOVAS DA GALIZA.

Correios há já tempo que leva caminhando cara à privatizaçom. Primeiro, com a criaçom de umha Direcçom-geral *ad hoc*. Posteriormente, com a conversom num organismo autónomo, a seguir num organismo público empresarial e na actualidade numha sociedade anónima. Com esta última fase deu-se o primeiro passo a sério para umha privatizaçom do serviço.

> Segundo Xosé Blanco, a fragmentaçom empresarial dos Correios é um indício do processo privatizador, e pom umha data: 2011. Nessa altura terminará o prazo que deu a UE para proceder à liberalizaçom dos serviços postais, polo que a partir daquela -se nom antes- a ameaça da privatizaçom será praticamente umha realidade

> A subida dos preços dos combustíveis, "fai com que sejam os carteiros do rural, com o seu próprio salário, quem estejam a custear parte do serviço". Com a privatizaçom as condiçons do serviço ressentirám-se. As outras vítimas da privatizaçom dos Correios serám os trabalhadores

Correios S.A. está formada por três sociedades que se ocupam de três áreas diferentes e com identidade de seu: telégrafos, correio híbrido e correios. Dentro da sociedade que se ocupa desta última área há, por sua vez, duas divisons empresariais com personalidade e contabilidade separadas: de um lado, a rede de escritórios, do outro, a rede de distribuiçom —os carteiros—. -E, como se de umha *matrioshka* se tratasse, dentro da distribuiçom há mais duas divisons, a dos correios urgentes e a dos envios maciços.

Segundo Xosé Blanco, esta fragmentaçom da empresa é um claro indício do processo privatizador, e pom umha data no calendário: Dezembro de 2011. Nessa altura terminará o prazo que deu a Uniom Europeia para proceder à liberalizaçom dos serviços postais, polo que a partir daquela —se nom acontecer antes— a ameaça da privatizaçom será praticamente umha realidade.

Desmantelamento encoberto

O porta-voz da CIG nos Correios explica-nos algumhas das tácticas empregues pola empresa para desmantelar o serviço público de jeito encoberto. Estas incluem desde despedir o pessoal, nom renovar contratos, nom cobrir o absentismo —quer baixas por acidente, quer por doença ou por outros motivos— com novas contrataçons ou nom cobrir as baixas por revezamento do pessoal de mais idade. Se hoje os Correios dam trabalho na Galiza a umhas 1.200 pessoas, Xosé Blanco calcula que mediante estas fórmulas, no médio prazo a empresa terá suprimido na Galiza uns 400 empregos.

Ainda, Blanco está convencido de que "a outra Galiza", aquela que nom mora nos núcleos urbanos, "nom interessa para a empresa", e pom dous exemplos. Por um lado, a mobilidade do pessoal laboral que, contrariamente ao funcionário, pode ser chamado pola empresa para trabalhar num sítio ou noutro indistintamente, argúcia já utilizada para reduzir serviço nas zonas consideradas pouco rendíveis pola empresa. A outra, que a normativa actual é aplicada de jeito mais flexível no rural do que nas áreas urbanas. Deste maneira, se nos núcleos urbanos está garantido o serviço ao menos cinco dias por semana, nas regions rurais seriam, no melhor dos casos, apenas três.

Condiçons laborais precárias

As outras vítimas da privatizaçom dos Correios serám os trabalhadores. O actual convénio colectivo data de 2006 e expira no mês de Dezembro vindouro. O seguinte enquadramento para o relacionamento entre a empresa e os seus trabalhadores terá de defrontar o desafio da liberalizaçom do sector a partir de Dezembro de 2011, no máximo. "Precisamente, este foi o motivo polo qual acordámos um convénio de tam curta duraçom", explica Blanco.

Na altura os trabalhadores —pessoal laboral e pessoal funcionário, aproximadamente 50% cada colectivo— tenhem umha série de direitos muito limitados, "na maior parte dos casos umha simples reproduçom literal do Estatuto dos Trabalhadores, sem maiores novidades", explica, e com umhas condiçons de trabalho precárias... sobretudo no rural, mais umha vez, "pois a maior parte dos carteiros utilizam o seu próprio veículo e a empresa dá umha quantidade fixa [0,19 €/Km percorrido em 2007, que será um 2% maior neste ano] para combustível, seguro obrigatório e outras despesas". Porém, a suba do custo da vida, e em particular a suba dos combustíveis, "fai com que sejam os correios do rural, com o seu próprio salário, quem estejam a sufragar parte do serviço". Melhorará a privatizaçom as condiçons do serviço para os usuários e para os trabalhadores? "Se com umha empresa pública estám as cousas assim , com umha entidade privada nom irá para melhor", sentencia.

CULTURA

ISAAC DÍAZ PARDO, FUNDADOR DAS CERÁMICAS DO CASTRO E DE SARGADELOS

"O galego está a morrer, se nom se abre à naçom irmá, que pode sustentá-lo, acabará por ficar em nada"

SOLE REI / Após umha vida inteira de trabalho a prol da cultura da Galiza, Isáac Díaz Pardo tem saltado à imprensa devido ao conflito no seio da empresa que ele próprio fundou e que agora lhe vira as costas: Sargadelos. Os apoios e os reconhecimentos polo caminho andado nom tardárom em chegar-lhe de todos os recantos do País por meio de artigos, listas de assinaturas, concentraçons e mesmo foros de informaçom e debate. Na mesma tarde em que devia ir recolher a medalha de ouro da cidade de Compostela como reconhecimento ao labor do Museu do Povo Galego, que também preside, e na semana em que colectivos de corte espanholista começaram mobilizaçons polos direitos dos castelám-falantes e contra iniciativas como a implantaçom nos colégios do 50% de cadeiras em galego, o Novas da Galiza conversou com este homem, que tratou figuras como Castelao, Seoane ou Blanco Amor, sobre o devir idiomático do País.

Em Setembro Edicións do Castro publicou o seu livro Tentando construir umha esfinge de pedra e, para além de outras consideraçons chama a atençom a norma escolhida para a escrita do livro. Quais som os motivos para essa aposta polo reintegracionismo lingüístico?
Acho que é o meu dever moral fazê-lo assim. Acho que Portugal ficou com a nossa língua e, pensava-o também Castelao, deviamos voltar outra vez reintegrarmo-nos. Se o galego está a morrer, se nom se abre à naçom irmá que pode sustentá-lo, que pode dar-lhe continuidade, vai ficar em nada. Ficará como umha língua clássica, como o latim, que se estudará nas universidades, umha língua litúrgica e mais nada. Estamos a ver que a gente cada vez fala menos galego. Eu dou-me mui bem com os da Academia Galega, porque umha cousa nom tem a ver com a outra, umha cousa é o que pense eu como ideal e outra cousa é o que me vejo obrigado a fazer para conviver. E acho que a Academia Galega o fai mui bem em todas as cousas, menos na língua galega. Porque tem abertas as portas de Castela e tem fechadas as do reintegracionismo. E claro, todos os demais que tenhem interesses por ali pois vam por onde lhes convém. E as instituiçons autonómicas, o mesmo. Fam o mesmo que a Academia. O Instituto da Língua, o mesmo. Onde vas Vicente?, onde vai a gente.

SOLE REI
"Bastaria com que fecharam a porta do castelám e abriram a do português"

O facto de publicar em reintegrado agora é ir um pouquinho contra as instituçons…
Polo menos é deixar umha nota aí. Que claro, os da Academia criticarám-me, os outros também… Mas, eu muitos anos nom vou viver. Entom aí fica isso.

Historicamente as elites culturais ligadas ao galeguismo tenhem estado com o reintegracionismo; falava você há um momento de Castelao, e como ele muitos outros. Que crê que tem mudado para que, na actualidade, já nom se assuma como algo claro o vínculo com a lusofonia e sejam os menos os que apostam polo achegamento ortográfico?...
Castelao está esquecido. Fam-lhe umhas estatuas, fam-lhe umhas cousas… Mas o que queria fazer Castelao nom o fam. Passárom muitas cousas. Há que dar-se conta de que o franquismo durou quarenta anos. E um passa quarenta anos na Inglaterra e vem falando inglês, ainda que nom queira. E se tem filhos também falam inglês. Depois, a transiçom que houvo na Espanha, assim como na Europa varrêrom o fascismo nazi por todos os lados, e em Portugal a revoluçom dos Cravos varreu também com o salazarismo, aqui houvo que transigir. Aqui nom se passou nada. Todos ficárom no seu sítio. Os franquistas ficárom e ficam ainda. E quanto a isso do idioma, eu digo a Marisol (actual Secretária Geral de Política Linguística), que me levo mui bem com ela, e digo-lhe: esta é umha grande mulher que está a fazer todo o possível para que o galego morra, para que fique bem enterrado. E ela ri. Em todas as cousas vê-se que há umha acomodaçom. E claro, os políticos, os galeguistas de agora e os nom galeguistas, fôrom acomodando-se.

Sabe que Marisol negou ao Novas da Galiza a possibilidade de receber subsídios como meio escrito em galego pola normativa que empregа?
Ai sim? Ah, claro, já se sabe. Concedem cousas a quem convém. Mas som assim as cousas, eu nom tenho nada que fazer-lhe. Eu digo as cousas.

E pensa você que umha aposta polo reintegracionsimo ajudaria a incrementar outra vez o número de galegofalantes?...
Bastaria simplesmente com que fecharam a porta do castelám e abriram a porta do português. E que deixaram avançar as cousas. Ademais a Galiza e o norte de Portugal formam umha regiom económica e tinham que ter mais comunicaçom nesse terreno. Se nalgumha circunstância determinada isso melhora, pode haver algumha reaçom.

Entom quiçá seria precisa umha mudança na orientaçom da política económica, tentar rendabilizar mais a relaçom com Portugal, segundo isso que me di…
Claro. É que ademais do ponto de vista económico, por exemplo nas editoriais seria umha grande cousa que se puideram publicar livros reintegrados, achegando-se a Portugal, porque abririam o mercado. O mercado da Galiza é mui pequeno, e a gente nom lê. Mas se nos abríssemos a Portugal haveria 200 milhons de pessoas e outros possíveis sectores. Aí está o futuro.

MÚSICA

Skárnio

Os combatentes galegos versus Rajoy

A. LEIRAS / Depois de mais de três anos desde o seu último disco, voltam os Skárnio com *O nosso caminho*, um trabalho na linha dos dous anteriores, (*A filosofia da acçom da guerrilha urbana*, de 1999; e *Arredista*, de 2003).

Mas, se calhar O nosso caminho vem um pouquinho mais carregado de força, mas com a personalidade própria de Skárnio e com umha bagagem feita e refeita na década de vida com que já conta a banda nascida no bairro viguês do Calvário.

Com um bocado de ska clássico, reggae, e ska rápido, desse *trash*, de dançar e poguear, este cedé tem temas bem elaborados, sobretodo musicalmente, com ventos movidos e letras cheias de compromisso. E isto último vai a sério, porque a banda segue a demonstrar que tem muito que contar, do mesmo jeito que há muita gente que os quer ouvir.

Desta volta ajudam-se das vozes de gente como Juantxo, dos Skalariak; Almudena, a boíssima voz doutros vigueses skatalíticos, Os Transilvanians; Míni, d'A Quenlla; as caboverdianas de Burela, Batuko Tabanka; e Seném, de Xenreira (ao meu ver, ainda que à sua maneira, umha das melhores bandas galegas dos últimos anos noventa).

Os Skárnio figérom todo o trabalho n'*O nosso caminho*. O cedé está registado sob licença Copyleft-Creative Commons, e foi autoproduzido com o nome de Arredista Produçons. De entre os temas, ainda que nom é o do que mais gosto, destaco, *Irmaos*, porque ouvindo-o conseguim tirar da imaginaçom o caralho do Vallenato-Rajoy, que nom havia jeito de esquecer, depois do bombardeio contínuo dos meios de comunicaçom. "Os combatentes galegos son…" acabou com o "Vamos Rajoy!" dumha vez. E de entre os mais, gosto especialmente dos sons Ska mais clássicos, como nas instrumentais *Greve!!* ou *Saíndo do Koxobar*.

Se os queredes ver ao vivo, o vindouro concerto será o 19 de Abril na Iguana, em Vigo, ainda que prometérom começar a apresentar o novo cedé em Março.

LIVRARÍA SISARGAS
Rúa Cabeiros Emigrantes 9
15002 A Coruña
TEL. e FAX 981 200082

neves asesoría
Francisco Xosé Neves Alvarez
Graduado Social
R/ Morales Hidalgo, 16
36860 Ponte Areas
Teléfono: 986 644 059

galizalivre.org
INFORMACOM LIVRE E SEM BARREIRAS

O IMPERIALISMO JÁ NOM É INVENCÍVEL
Leia e subscreva-se a:
RESUMEN latinoamericano
Um projecto comunicacional com 15 anos de existência que serve para enfrentar o discurso dos poderosos
Correio: resumenlat@yahoo.com.ar
Telefone: 630262156

CINEMA PARA PENSAR

O segredo de Vera Drake

FRANCESCO TRAFICANTE / O filme, ambientado no Reino Unido dos anos 50, mostra-nos umha mulher que está sempre disposta a ajudar pola sua bondade natural. O ambiente em que se move é popular e ela ganha a vida a limpar nas casas de gente rica. Vera também ajuda mulheres a abortar. Após ter praticado abortos durante anos, umha jovem acaba numha grave situaçom de perigo a consequência dum aborto que a leva para o hospital, onde confessa quem lhe praticou o aborto. A partir daí tanto a protagonista como a família passam por um calvário judicial que condena Vera à cadeia. No filme aparece a hipocrisia de umha sociedade em que as raparigas ricas sim podem abortar. Outro ponto de interesse é ver as diferentes razons polas quais as mulheres querem abortar. Contudo, desde aqueles anos, muitas das sociedades ocidentais tenhem já evoluido a posiçons mais tolerantes, ainda que em muitos casos com certa dose de hipocrisia. Acontece no Estado espanhol, onde há relativa facilidade para praticar o aborto mas nom se quer dar umha Lei de Prazos. E é que o perigo de retrocesso e involuçom, se nom se faz umha defesa contínua está sempre aí. Só basta pensar na constante luita que despregam as organizaçons conservadoras, sendo um bom exemplo o acontecido em Madrid recentemente. Pois é um tema que ainda nom está superado pola sociedade. Eis a razom que o próprio director, Mike Leigh, dá para justificar a necessidade do filme. Como no resto da sua obra, Leigh continua a apresentar temas polémicos e conflituosos nas sociedades ocidentais que merecem umha reflexom séria, algo sempre garantido nos filmes deste autor.

LÍNGUA NACIONAL

O Efeito das Estufas

VALENTIM R. FAGIM

◆

Diálogo 1:
- Queria um Cola-Cao e umha torrada
- Como?
- Umha tostada
-Agora entendim.

Diálogo 2:
- No próximo ano haverá mais variedade de produtos por meio da estufa
- O que é a estufa, o invernadoiro?
-Pois.
- Que bem, nom o sabia.

A primeira conversa decorreu num café qualquer do centro da cidade, a segunda num local social da mesma povoaçom.

Estufa é umha palavra italiana, que tem a ver com estufar, assar, e que quer dizer em origem 'lugar quente'. De aí passou a significar recinto envidraçado destinado a abrigar plantas e flores e **cujo cultivo depende de calor**.

Nos locais sociais cultivam-se vários tipos de plantas: solidariedade, informaçom, curiosidade, contestaçom... mas há umha especialmente rara na Galiza, inclusive em esferas ditas nacionalistas: Língua.

Nestes espaços pode-se pedir um fino ou um pingado, navegar por meio do Mozilla PT ou ver o último filme de Michael Moore legendado na nossa língua e isto chega a ser tam natural que nem damos por isso. Por estes espaços passam muitas pessoas, algumhas colhem, outras nom, outras talvez e outras mais tarde.

Mas lembrai, **este cultivo depende de calor**.

ENTRELINHAS

A Trabe de Ouro, pensamento crítico em mais de setenta números

XURXO MARTÍNEZ / O número 71 d´*A Trabe de Ouro*, correspondente aos meses de Julho, Agosto e Setembro de 2007, arranca com um editorial que abrange de cheio a questom do voto emigrante na Galiza, analisando o fenómeno em si e as posturas políticas dos diferentes grupos da cámara parlamentária.

Quanto aos conteúdos, este novo exemplar achega-nos a traduçom de Xiao Roel de um texto de Mario Alinei e Francesco Benozzo de suma importância para a nossa área lingüística. Sob o título 'A área galega na pré-história lingüística e cultural da Europa', os investigadores italianos, impulsionadores da *Teoria da Continuidade Paleolítica*, realizam umha análise de diferentes ámbitos centrando-se na celticidade e a protocelticidade da área do noroeste peninsular. Nom é a primeira vez que n´*A Trabe de Ouro* aparecem artigos desta matéria que implica umha revisom das teorias clássicas do indoeuropeu e o celtismo (cfr. Nº66).

Um número importante de artigos estám ligados ao acto que a *Rede Escarlata* desenvolveu em Terra de Montes. Trata-se da entrega do IV Prémio 'Roberto Vidal Bolanho' que recebeu o historiador Dionisio Pereira depois de ser denunciado, por exercer o seu trabalho de investigaçom, por umha família de ascendência franquista.

Recolhem-se, portanto, o texto da conferência de Anxo Angueira acerca do 'Associacionismo e memória política' e as intervençons de Manuel Igrexas, García Crego, Dionisio Pereira, X.L. Santos Cabanas e Fernando Salgado.

Xosé Luís Regueira realiza umha resenha das obras da ALLA (*Academia da Llingua Asturiana*) e da *Abertal*, primeiro individualmente e depois confrontando-as, nas quais se investigam as características da fala galega do Eu-Návia.

Com o motivo de estar o Dia das Letras Galegas dedicado a María Mariño, podemos ler as intervençons no acto institucional da *Academia Galega* no Courel de Darío Xohán Cabana, Méndez Ferrín e Rosario Álvarez.

Quanto aos textos, vem umha traduçom do gaélico de Carme Alonso dos poemas do irlandês Cathal Ó Searcaigh que nos permitem descobrir um dos grandes poetas e dramaturgos da ilha de Eire. Tal texto enfia com um outro da autoria de Maolsheachlainn Ó Caollaí (traduzido por M. Outeiriño) que analisa a dominaçom cultural na Europa centrando-se no caso da sua pátria e que bem poderia ser atribuido ao nosso caso.

DESCOBRE O QUE SABES...

Por Salva Gomes

1. Só há três cousas que nom voltam: a palavra dita, a frecha lançada e a oportunidade perdida. De onde provém este dito?
a) China
b) Nova Caledónia
c) Zimbábue

2. A quem pertence esta reflexom sobre a violência como autodefesa? "Nom chamaria violência quando é autodefesa, chamaria inteligência"
a)Albert Memi
b)Malcom X
c)Frantz Fanon

3. No livro de Dario Xohán Cabana, As aventuras de Breogám Folgueira, rapaz fino e intrépido com um sonho, qual é?
a)Viajar ao Brasil
b)Chegar ao Polo Norte
c)Viajar à Lua

4. Quem escreveu o livro que nos fala de relatos identitários da nossa Terra, Cousas?
a)Álvaro Cunqueiro
b)Celso E. Ferreiro
c)Afonso D Rodrigues Castelao

5. Qual era a temática da revista galega de finais do S. XIX Galicia Diplomática?
a) Antiguidades e arqueologia
b)Debate e formaçom na Ilustraçom
c)A redençom dos foros

6. Quem compilou dados e fijo estudos sobre a metereologia em Ourense desde 1887 até 1980?
a)Emília Pardo Bazám
b)Instituto Feminino (actual Instituto de Bacherelato Otero Pedraio)
c)Círculo Feminino Auriense

SOLUÇONS

Femenino
e. a)Instituto e. meteorologia. 6. b)Círculo Feminino Auriense. 5. a)Antiguidades e arqueologia. 4. c)Afonso D. Castelao. 3. a)Viajar à Lua. 2. c)Frantz Fanon. 1. a)China. b)Malcom X. c)

NOVAS DA GALIZA
15 de Fevereiro a 15 de Março de 2008

DESPORTOS

O andaço bilhardeiro infecta a Galiza de norte a sul e de leste a oeste

A CONFERÊNCIA NORLESTE ABRE NA MARINHA OS PRIMEIROS ENCONTROS DA LIGA NACIONAL DE BILHARDA EM 2008

XERMÁN VILUBA / Quando a LNB começou a sua luita nos últimos e duríssimos anos do Fraguismo num lodoso campo de Bretonha, justo ao pé dos montes onde as bestas parem os seus potros selvagens, mui poucos podiam imaginar um panorama de apertura Nacional tam contundente como o que se está a consolidar nesta terceira temporada de andamento da explosiva SUPERLIGA GALEGA DE BILHARDA. De um início decidimos romper as estruturas clássicas e redifinir um ideário novo acabando com termos como recuperar ou defender, atacando directamente armados com paláns e com a palavra. Recolhemos um desporto soterrado e lapidado polas normas dos localismos estéreis e apresentamo-lo à sociedade como umha disciplina moderna e dinámica capaz de competir a todos os níveis com os outros desportos de massas . Sem complexos e com um horizonte claro e despejado, após um primeiro big bang produzido na Marinha de Lugo, com o compromisso selado fai anos com o vento mareiro da Corunha que derrubou a bandeira opressora ao passo das estrelas da bilharda no mítico primeiro All Stars para dar como fruto a actual Conferência NorOeste que afronta neste mês de Fevereiro o seu 4º embate da liga regular, com umha afluência massiva de palandores e palandoras agrupados em 5 franquias chega agora a confirmaçom do grande reto da Nacional do desporto da bilharda. Todo está pronto e disposto à margem de qualquer apoio institucional para que o vinho dos furanchos com que a LNB vai dar a benvinda à Conferência Sul corra a regos na sua apresentaçom oficial na primeira ediçom do Aberto da Copa Salnes no próximo 27 de Abril, convertendo a terra dos míticos Palanganas de Vigo no epicentro absoluto deste desporto, já que toda a elite do norte e sul vai converger e competir na pista das Angustias da paróquia de Gil, no concelho potevedrês de Meanho. Umha data histórica que marcará um antes e um depois no devir da filosofia LNB. Todo este frenesi mostra às claras que o nosso grande barco navega imparável graças ao contínuo impulso dos palanadores e palandoras das beiras cantábrica e atlántica que ao abrigo de iniciativas de apoio como a do NOVAS DA GALIZA fam possível a tam desejada vertebraçom nacional do desporto da bilharda. Bênçons a todos e todas e a luita continua agora mais intensa que nunca!.

Todo este frenesi mostra às claras que o nosso grande barco navega imparável graças ao contínuo impulso dos palanadores e palandoras das beiras cantábrica e atlántica

RECOLHEMOS UM DESPORTO SOTERRADO E LAPIDADO POLAS NORMAS DOS LOCALISMOS ESTÉREIS E APRESENTAMO-LO À SOCIEDADE COMO UMHA DISCIPLINA MODERNA E DINÁMICA CAPAZ DE COMPETIR A TODOS OS NÍVEIS COM OS OUTROS DESPORTOS DE MASSAS

www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 692 060 607

NOVAS DA GALIZA

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

☐ Subscriçom + livro = 30 € ☐ Subscriçom anual = 24 € ☐ Assinante Colaborador/a = ___ €

Nome e Apelidos _____ Telefone _____

Endereço _____ C.P. _____

Localidade _____ E-mail _____

☐ Nº Conta _____

☐ Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

O 'Superdépor' desmorona-se

ENTIDADE DESPORTIVISTA ENCARA GRAVE CRISE ECONÓMICA, DESPORTIVA E SOCIAL

ANDRÉ SOBRINHO / A história recente do Desportivo da Corunha nom atopa comparaçom possível em toda a Europa futebolística. Hoje conhecemos muitas das chaves daquela meteórica ascensom mas ainda ontem frotávamos os olhos quando víamos a esquadra desportivista senhorear na liga estatal e saborear a glória nos grandes templos do futebol europeu. A transformación dumha equipa modesta da segunda divisom estatal num grande é a inacreditável história dum pequeno convertido em *matagigantes*.

A gestom de Lendoiro desprende um insuportável cheiro a negligência, corrupçom e violaçom flagrante das normas básicas da contabilidade e a gestom económica. Os indícios delituosos saltam à luz por toda parte

Um pouco de história

Na realidade houvo vida antes da irrupçom do Superdépor em 1992. Nas minguadas fileiras desportivistas dos anos 80, só os mais velhos lembrariam os tempos daquel Desportivo que perdeu o campeonato de liga de 1949 no último jogo ou aquela memorável primera época dourada dos anos 60 protagonizada pola que passaria à historia como a melhor geraçom de futebolistas galegos de todos os tempos: Luis Suarez, Amancio e Veloso. Mas com o descenso de categoria no ano 1973 aqueles recordos fôrom apagando-se. Durante aquela longa travessia no deserto da segunda divisom o clube herculino nom só tivo que manter-se à sombra do Celta, pois, para além disso, boa parte das lealdades futeboleiras da cidade recalárom no Real Madrid.

De segunda divisom a *matagigantes*

O ano de 1988 marca o ponto de inflexom da história recente do Desportivo. Sem quase seguidores e com umha dívida económica que situava o clube próximo da desapariçom, Augusto César Lendoiro acedeu à presidência do Desportivo e desde entom o clube nom parou de crescer. Em 1991 logrou o ansiado ascenso e um ano depois o clube dava um enorme salto de qualidade com as fichagens de Bebeto e Mauro Silva. A partir de entom a modesta esquadra herculina converteu-se num dos grandes animadores da liga estatal e assombrou pola sua competitividade nos torneios continentais. Entre 1992 e 2004 ganha umha liga, duas copas e três supercopas, obtém 4 subcampeonatos e fica 4 vezes em terceira posiçom. Na Europa chega a semifinais da recopa em 1996, vence nos grandes e míticos campos do futebol europeu (Old Trafford, Olímpico de Munich, Sam Siro, Parque dos Príncipes...) e toca o ceu nas semifinais da *Champions* no 2004 quando fica às portas da final.

Aqueles êxitos ensombrecérom o também notável crescimento do Celta de Vigo. Para a história do futebol galego ficam aqueles memoráveis dérbis, autênticos pulsos de gigantes, nos que o Celta e o Desportivo se disputavam a primacia na melhor liga do mundo. A sombra daquela memorável época foi que aquelas grandes equipas se construírom sem quase futebolistas galegos.

Quando a bola deixou de entrar

Com as vitrinas cheias, com 30.000 sócios e sócias, um estádio novo, um dos melhores planteis do continente e com o Celta ferido de morte no poço da segunda divisom, cumpriam-se todas as condiçons para que o Desportivo arrebatasse ainda mais siareiros e siareiras ao seu eterno rival. No cimo do seu fulgurante ascenso Lendoiro cometeu o grande erro de nom planificar o futuro. Com a reduçom do dinheiro das TV's como pano de fundo, o intocável presidente jogou todo à carta da continuidade dos êxitos desportivos como única fórmula para continuar entre os grandes. Naquel momento nem se patrimonializou o clube nem se apostou pola canteira.

> COM A REDUÇOM DO DINHEIRO DAS TV'S, O INTOCÁVEL PRESIDENTE JOGOU TODO À CARTA DA CONTINUIDADE DOS ÊXITOS COMO ÚNICA FÓRMULA PARA CONTINUAR ENTRE OS GRANDES

No futebol costuma haver poucos "milagres". Na maior parte das vezes os êxitos desportivos guardan estrita relaçom com o potencial económico dum clube. No caso do Desportivo o enigma a resolver era como umha equipa dumha cidade de tamanho meio podia contar com um potencial económico que lhe permitia manter um dos melhores planteis da Europa. Durante anos manejou o quarto orçamento mais alto da liga estatal e mesmo estava em condiçons de arrebatar-lhe jogadores ao Madrid e ao Barça. Naqueles anos de bonança, o discurso oficial apresentava a um habilidoso Lendoiro como o artífice daquel milagre. As suas capacidades de gestom eram o segredo para obter os recursos económicos necessários para manter o que o próprio Lendoiro baptizou como a "boa onda" ou "círculo virtuoso": o Desportivo era grande porque tinha os melhores jogadores, e tinha os melhores jogadores porque dispunha dum grande orçamento, e dispunha dum grande orçamento porque estava entre os grandes e ganhava títulos... e volta a começar.

Ainda que o maná do dinheiro das televisons contribuiu a alimentar esta dinámica do círculo virtuoso, o certo é que o segredo da bonança era bem simples e tam velho como o mundo: o endividamento. É certo que este escandaloso endividamento afectou a todos os clubes, mas no caso do Desportivo aquel adquiriu proporçons colossais. Em 2003 já se sabia que a dívida do clube era de 180 milhons de euros. Lendoiro insistia em que a era assumível enquanto os êxitos desportivos se mantivessem. O Desportivo estava a jogar ao limite. Mas um bom dia, como diria um clássico, a bola deixou de entrar, e o Desportivo começou umha queda fulminante.

O clube corunhês nom é nem a sombra do que foi, leva três anos sem jogar na Europa, o seu plantel é dos mais fracos e vive ao borde do abismo da segunda divisom. A situaçom desportiva nom é mais que o fiel reflexo da situaçom económica. Sem património algum que vender e sem possibilidades de dar um golpe urbanístico, os 160 milhons da abafante dívida ameaçam o futuro imediato da entidade. Os intentos de Lendoiro de persuadir a Amancio Ortega e a outros grupos de investidores financeiros estrangeiros para que entreassem no acionariado da Sociedade Anónima Desportiva Corunhesa fôrom infructuosos. O certo é que ninguém quer investir num clube arruinado e com sérias possibilidades de descer à segunda divisom. A hipótese da descida causa pavor na Corunha, pois muitos vem-no como primeiro passo para a desapariçom da centenária entidade. A magnitude da crise está a pôr a prova os outrora grandes seguidores desportivistas e só os mais fieis resistem.

A campanha de La Voz de Galicia

Por se fosse pouco, a gestom de Lendoiro desprende um insuportável cheiro a negligência, corrupçom e violaçom flagrante das normas básicas da contabilidade e a gestom económica. Os indícios delictivos saltam à luz por toda parte. É aqui onde entra em jogo a campanha ánti-Lendoiro promovida por La Voz de Galicia. A inimizade pessoal de Lendoiro com o proprietário do jornal corunhês , Fernández Latorre, dessatou umha ruinosa ofensiva mediática que semana sim e semana também dá conta da delicada situaçom económica do Desportivo e destapa os aspectos mais obscuros da gestom de Lendoiro (enriquecimento pessoal, irregularidades contáveis, falsidade documental, nepotismo...). A capacidade de chantagem de La Voz de Galicia, bem conhecida no nosso país, conseguiu estimular boa parte dos seguidores herculinos e dos acionistas, os mesmos que anos antes lhe tinham aprovado o 1% do orçamento como salário de Lendoiro quando este abandonou a política profissional.

Murguía, Revista Galega de Historia é un proxecto autoxerido, no que grazas a centos de subscritores e lectoras vai descubríndose a Historia da nosa nazón, divulgándoa e póndoa en valor.

No último número apreséntase unha boa parte dos mitos e lendas que conforman o noso imaxinario colectivo, así como a nosa pegada na tradición e lendas doutros países, caso de Irlanda, obvio a través do Leabar Gabhala que reproduce o último número de Murguía, RGH...

Subscríbete!

Nome Apelidos
Enderezo
Localidade CP Teléfono
Solicito: Subscrición Máis Información
Enviar á Murguía, Revista Galega de Historia: Apartado de Correos 755 15.703 Compostela
ou secretaria@revistamurguia.com Teléfono 629.31.12.68

www.revistamurguia.com

NOVAS DA GALIZA
APARTADO 39 (15701) COMPOSTELA - GALIZA / TEL: 630 775 820 / PUBLICIDADE: 692 060 607 / info@novasgz.com

OPINIOM	2	A FUNDO	10
EDITORIAL	3	REPORTAGEM	14
NOTÍCIAS	4	CULTURA	16
ANÁLISE	9	DESPORTOS	18

PEPITA SEOANE | MAE DE ANTIFASCISTAS PRESOS

“A gente deveria analisar quais som os verdadeiros terroristas”

MARIA ÁLVARES / Pepita Seoane nasceu e viveu meia vida entre quarteis da guarda civil, até que dois dos seus três filhos fôrom detidos por pertença aos GRAPO. É nesse momento quando se lhe rompem os esquemas e se passa para o outro lado: denunciar e luitar o que antes considerava normal. Há um mês prendêrom o seu filho pequeno, Carlos, numha operaçom mediática por suposto apoio aos GRAPO. Com os três filhos na cadeia, sobram-lhe forças para assinalar os ‘autênticos terroristas’.

Como está Carlos?
Está na cadeia de Valdemoro, sem acusaçom que o incrimine. Mui contento por todo o que se está fazer na rua e polas mostras de solidariedade. O advogado fijo um escrito para demonstrar que levava vida pública e que nom há risco de fuga. Mas parece que defender ideias justas e apoiar os irmaos é delito. Entom sim, é terrorista. Nunca vou esquecer a detençom. Entrárom às 7 da manhá 20 encapuzados armados, tirárom-no, revolvêrom e levárom todo… e logo dim que é o terrorista…Onde tinha as armas?. Eles som terroristas legais.

Que pensas da resposta popular?
Nom esperava tanto, estou mui orgulhosa. Está a volcar-se a vizinhança, amizades, a rapazada que ia polo Faluya (o bar onde trabalhava). A Corunha está cheia de cartazes, o que me fai dizer que nom somos tam maus como nos pintam, e após o pau que levei isto é o que me da forças para continuar neste caminho.

Como consegues ver os teus três filhos tendo em conta a dispersom?
E porque nom tenho cam nem gato, que se nom também mos levavam… Imagina, com umha pensom de viuvedade que nom dá para tirar foguetes: Paco em Valladolid, Suso em Badajoz e Carlos em Valdemoro. A dispersom está feita para castigar a família, nom só o detido… Organizo-me como podo; a finais de mês vou ver o Carlos, na Páscoa o Paco e em Abril o Suso. A minha saúde tampouco dá para mais. Logo estam eles: Paco e Suso levam toda a vida sem se verem, sempre encarcerados a centos de quilómetros um do outro. E agora Carlos, que para poder comunicar-se com eles pedirom-lhe que demonstrara que era seu irmao, é de loucos.

Como nasce a tua consciência?
O meu avô já foi carabiniero… e o meu pai e o meu homem guardas civis. Nascim num quartel da ditadura. Para mim os foucelhas eram os maus. Via homens e mulheres nos calabouços que desapareciam aos poucos dias… de pequena ficou-me gravada umha conversa entre os meus pais: ele dizia que igual o expulsavam porque nom fora quem de fuzilar… Vim gente torturada com electrodos. Continuo nos quarteis da falsa democracia onde trabalha o meu homem e nascem os meus filhos. Sigo a ver maus tratos, torturas, desapariçons; mas eu continuo a pensar que os de ETA ou os GRAPO som os maus e que a guarda civil cumpre o seu dever. No ano 1982 quando detenhem os meus filhos e os acusam de terroristas, sanguinários, assassinos… O meu marido e eu sabíamos que nós nom tínhamos educado esses monstros de que falam. É nesse ponto quando volto atrás, leio e me questiono todo: os terroristas som os que torturam, enterram em cal viva, seqüestram; mas eles fam isso em nome da democracia e amparados nas suas leis. E o meu marido igual, é nesse momento quando deixa a Guarda Civil. A gente deve analisar quem som os verdadeiros terroristas porque os meios fam do preto branco e do branco preto. Os meus filhos, igual que outros muitos entregárom o melhor da sua vida por mudar esta sociedade.

Ainda tés forças para luitar...
Fago minha a luita dos meus filhos porque é justa, a sua luita é para que todos tenhamos os mesmos direitos, para que nom haja ricos nem pobres, exploradores e explorados. E porque vejo o abuso de poder que há. Os pequenos temo-nos que revolver e denunciar, a nossa força é a razom e eu cresço perante as injustiças.

Sem obediência devida

XAN CARLOS ÁNSIA

Há um momento que foi definitivo no decorrer da Revoluçom do 25 de Abril. Os factos acontecêrom no Terreiro do Paço, quando o capitám Salgueiro Maia se enfrenta sozinho e desarmado contra forças fieis ao regime e tenta convencê-los para aderirem às forças populares. O comandante dos blindados que pretende pôr fim ao levantamento ordena disparar sobre o capitám Maia. A orde é directa e clara. Vai dirigida a um alferes que ocupa um dos blindados e que tem nas suas maos umha metralhadora. O militar recusa-se obedecer. Podia ter disparado e cobrar-se a primeira vítima nas filas dos revolucionários. Nom o fijo. De tê-lo feito, certeza que o regime fascista o teria recompensado polo menos com um ascenso no escalom e um par de medalhas. Optou por arriscar a sua comodidade pessoal e a sua carreira. Fernando Sottomayor, o homem que nom matou Salgueiro Maia, acabou aquele dia cantando o Grándola perante o quartel do Carmo, com a incerteza de ter no dia seguinte um conselho de guerra por desobedecer ao seu superior, num acto de serviço.

A história demora em dar a conhecer este tipo de condutas e polo geral as pessoas que protagonizam actos tam valentes e correctos, declinam receber honras e reconhecimentos. A mesma dignidade que os leva a se revoltarem contra as injustiças, fai-nos permanecer longe de prebendas ou cargos desses que tenhem plus de 15.000 euros.

É possível que mesmo se estejam a dar casos de oposiçom à utilizaçom fraudulenta do poder, nesta nossa ‘autonomia’ hoje nas maos do bipartito. Nom é o que fam um nutrido grupo de sindicalistas adoçados e permissivos com o clientelismo e privatizaçom dos serviços públicos do Sogaserso, as Galescolas ou Seaga. Tampouco som exemplo a seguir, multidom de flamantes altos cargos felizes de gastar rodas a conta do erário público e percorrer miles de quilómetros para degustarem um prato de esparguetes à galega num hotel de luxo no Japom. Também nada edificante é o comportamento dos amanuenses do poder, que em menos de dous suplementos dominicais passáram do panegírico a Fraga a cantar glórias e loubanças de Quintana e Tourinho. Para vergonha deles e os seus ficam esse fato de pragmáticos que vinhérom da luita subversiva a partilhar mesa e mantel, nom podo afirmar que cama, com o mais selecto dos exploradores, espanholaços e corruptos da vida social galega.

Menos mal que ficam manifestos combativos e solidários. Entre os assinantes estám sottomayores e salgueiros maias que nom querem acabar com o compromisso de esquerda e dim as verdades de quem nom se vende.